

três peças para dois

Felipe Martinez



PRAXILA
editorações



Foto: Anderson Martins

Natural de Porto Alegre (RS), Felipe Martinez é diretor, ator e dramaturgo. Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é um dos fundadores do grupo Teatro Por Que Não?, além de administrar o Espaço Cultural Victorio Faccin (Santa Maria, RS). Foi homenageado com a Medalha de Mérito Teatral Edmundo Cardoso (2013), pela Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria. Suas obras integram o repertório de consolidados grupos de teatro, com importantes premiações e apresentações no Brasil e no exterior.

O livro Três peças para dois é composto por três obras escritas durante a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020. Essa trilogia reflete situações comuns ao período de isolamento, marcado por angústias e dúvidas sobre o futuro. Em uma linguagem (quase) minimalista, as peças fazem referência ao teatro do absurdo, estilo que surgiu após a Segunda Guerra Mundial – período que, talvez, possa dialogar com o início do século XXI. O livro convida a leitora e o leitor, assim como a espectadora e o espectador, a olharem para aquilo que não se vê, ressignificando perspectivas de vivência e de sobrevivência em meio ao adoecimento do mundo e às presenças tácitas da vida e da morte.

Secretaria da Cultura de
Santa Maria apresenta:

Três peças para dois

Felipe Martinez

Realização:



Financiamento:



Este projeto é realizado com
recursos do EDITAL 003/2022
FUNCULTURA.

Praxila Editorações, 2023.

Santa Maria, Rio Grande do Sul

Coordenação Editorial

Daiani Cezimbra Severo Rossini
Brum

Revisão

Isabel Scremin

Foto da capa

Carlos Donaduzzi

Diagramação da capa

Mariliz Focking

Patrocínio cultural

Prefeitura Municipal de Santa
Maria

Este projeto é realizado com
recursos do
EDITAL 003/2022 FUNCULTURA

Papel

Pólen natural 80 g/m², 1x1
(preto e branco)

**Diagramação, impressão e
acabamento**

Editora Garcia

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M385t

Martinez, Felipe

Três peças para dois / Felipe Martinez; Secretaria da Cultura de
Santa Maria (Organização). – Santa Maria-RS: Praxila
Editorações, Juiz de Fora-MG: Garcia, 2023.

104 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-80264-32-2 [PDF]

1. Teatro. 2. Literatura brasileira. I. Martinez, Felipe. II.
Secretaria da Cultura de Santa Maria (Organização). III. Título.

CDD 869.92

Índice para catálogo sistemático

I. Teatro : Literatura brasileira

Todos os direitos desta edição são reservados à Praxila Editorações.
Santa Maria, Rio Grande do Sul: Rua Amadeu Martins Lopes, 85 -
97060070. Contato: (48) 991306178 ou praxilaeditoracoes@gmail.com

Apresentação

“Ninguém aliena absolutamente a um outro seu direito natural de julgar livremente em todas as circunstâncias”¹, afirmou uma vez Espinosa (1632-1677), filósofo seiscentista cujas ideias, não por acaso, têm sido largamente retomadas nos séculos XX e XXI. Marilena Chaui, uma das maiores pesquisadoras de Espinosa no Brasil, destaca que, segundo o filósofo, as pessoas julgariam “mais fácil derrubar um tirano e substituí-lo por outro do que destruir as causas da tirania, isto é, a própria lei”².

Nesse sentido, *Três peças para dois* nos convida a traçar, com sutileza e precisão, uma rota até nossas próprias tiranias, as quais, no livro, aparecem enraizadas pelas minuciosas repetições a que suas personagens são submetidas devido ao isolamento. Buscando, nas relações de proximidade estabelecidas para além dos recursos corriqueiros, uma interação entre seres humanos e suas questões de vida e de morte, de passado, presente e futuro, a obra é guiada não só pela temática central do questionamento acerca das próprias e das alheias leis, como também pela criação,

¹ ESPINOSA, Baruch de. Tratado teológico-político. Trad. Diogo Pires Aurélio. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2004, p. 442.

² CHAUI, Marilena de Souza. *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 48.

mesmo que involuntária, de amarras sobre o tempo e sobre o seu emprego na involuntária rigidez do dia-a-dia.

O livro aqui apresentado alia-se ao movimento do Teatro do Absurdo³ e, concomitantemente, considera fatores sociais atuais, posicionando suas personagens, muitas vezes, à margem dos centros de poder, especialmente dos centros capitalistas, e dialogando com recortes como os de gênero e de sexualidade, dentre outros.

Vale lembrar que os textos escritos por Felipe Martinez são frequentemente encenados junto a importantes companhias de teatro da cidade de Santa Maria (RS). Sua escrita estabelece constantes diálogos com uma prática de mais de quinze anos como encenador e diretor de teatro. As peças de teatro aqui apresentadas têm potencial para serem encenadas por grupos profissionais e por amadores de Artes Cênicas, bem como por iniciativas pedagógicas, desde o ensino médio até a graduação e a pós-graduação.

Dra. Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum

³ Teatro do Absurdo é um conceito criado na década de 1960 pelo pesquisador húngaro Martin Esslin (1918 – 2002), com o intuito de agrupar obras teatrais de países como França, Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Estados Unidos, entre outros, a partir dos anos 1940, ao fim da Segunda Guerra Mundial e, compreendendo também o período de 1950 e 1960. Esse movimento registra uma abordagem que mescla o realismo e a fantasia, e que teve como principais expoentes os autores Samuel Beckett, Eugène Ionesco, Arthur Adamov, Jean Genet, entre outros.

A seguir, compartilhamos as sinopses das *Três peças para dois*:

MOMA: Aos que vieram antes de nós

Silêncio e calor. Não há absolutamente mais nada de novo sob o sol. Os dias passam lentamente para Moma e Roco, os dois últimos sobreviventes, ao que tudo indica, de uma espécie que se autodestruuiu. Confinados em uma velha construção, vivem entre livros, bananas e conversas que geralmente só servem para despertar o ódio contra seus antepassados. O tempo se arrasta enquanto eles aguardam o fim. Entre os dois há um pacto (teoricamente) inviolável: não reproduzir a espécie para encerrar de vez, e com dignidade, a vida humana na terra. Porém, enquanto ainda houver um homem vivo, nem mesmo a última das mulheres poderá ter paz.

NÃO HÁ MAR

Duas personagens, que são metades de uma só, buscam dentro de si respostas para perguntas sobre problemas que parecem distantes. Em um proposital isolamento, questionam-se sobre um mundo que já nem parece haver. A felicidade, vista somente nos outros, é um acontecimento absurdo ante à complexidade necessária para o próprio existir. A tristeza, feito água do mar, é uma presença viva em corpos onde se faz transbordar. Entre poesia e cotidiano, diálogos fluem e desaparecem como ondas

que não seguem padrão algum. *Não há mar* é uma peça sobre tempos de pandemia e isolamento. Um teatralizado ensaio sobre a depressão e a angústia de se pertencer a um mundo doente.

DOLORES

Todos os dias, Dolores senta em frente a uma janela e espera o tempo passar. Ela é uma senhora cega de oitenta anos e sua única companhia é Jerônimo, o filho do meio, com cinquenta anos passados. O silêncio, que não se vê, é o terceiro morador de uma casa acostumada com a violência confundida com o desatino. A partir de memórias materializadas em sonoras palavras, mãe e filho coexistem entre abrupta fúria e leveza, as quais somente os dois parecem compreender. Aos poucos, as dores de Dolores nos mostram que não basta enxergar, porque o mais importante é querer ver. No fim, não se preocupe se você ficar confuso, pois a verdade nem sempre é aquilo que você vê.

Felipe Martinez

SUMÁRIO

MOMA: aos que vieram antes de nós.....	11
Não há mar.....	43
Dolores (ou Aquilo que você vê).....	75

MOMA:

aos que vieram antes de nós

Personagens:

MOMA *(mulher, entre trinta e quarenta anos);*

ROCO *(homem, entre trinta e quarenta anos).*

Cenário:

Silêncio e calor. O local é um amplo cômodo de uma antiga construção com objetos desgastados pelo tempo. Há uma poltrona, uma ou mais camas, armários e outras coisas que a sua imaginação sugerir. Há ao menos uma janela para o exterior, por onde entra a forte luz do sol. Há uma saída e, perto dela, um móvel com uma espingarda em cima.

ROCO *(pensativo)* – Acho que somos o começo do fim.

MOMA – Claro que não. Somos o próprio fim.

ROCO *(ri alto)* – Quanta pretensão! Jamais seríamos assim tão importantes. Quando chegar a hora, não estaremos mais aqui.

MOMA – Seria demasiada sorte.

ROCO – Ao menos uma haveria de nos restar!

MOMA – Que assim seja, então.

(Pausa.)

ROCO *(como se fosse proclamar)* – Nós somos o começo...

MOMA *(aumenta o volume gradativamente)* – De nada. De coisa nenhuma.

ROCO *(proclama)* – De porcaria nenhuma!

MOMA *(canta)* – De bosta nenhuma!

(Pausa.)

ROCO *(fica de frente para uma janela)* – De fato, então poderíamos ser o fim. O fim da bosta, ao menos. Mas o fim. Que nesse caso é o que importa. *(Pausa, reflexivo)* Era isso o que eu dizia, o fim. Fim e ponto. *(Tenta chegar a uma conclusão)* Vamos fingir que não interessa o fim *de quê*, especificamente. Estamos falando do fim, porque estamos nele. Somos parte dele. *(Pausa)* Pronto, vai terminar!

MOMA *(fala lentamente)* – Sim, vai terminar. Você tem razão. *(Fala rapidamente)* Não que isso o torne um especialista, pois é uma conclusão tão básica que até mesmo uma criança poderia fazer.

ROCO *(impressionado)* – Um bebê!

MOMA – Sim, até mesmo um bebê.

ROCO – Um bebezinho recém-nascido!

MOMA – Sim, um bebezinho recém-nascido também poderia, afinal...

ROCO *(grita)* – Moma, há um bebezinho recém-nascido lá fora!

MOMA *(com muita surpresa)* – Onde?!

ROCO – Lá! Vem ver! *(Aponta)* Olhe, bem ali, ao lado do muro do jardim.

MOMA – O muro caiu faz tempo!

ROCO – Sim, mas você sabe o que eu quero dizer! Bem ali!

MOMA – Tudo bem que meus olhos já não são confiáveis, Roco, mas não acredito que aquilo seja um bebê...

ROCO – Veja, está se mexendo!

MOMA – Puta merda! Está se mexendo mesmo! É um bebê!

ROCO – Isso é um absurdo!

MOMA – Com certeza! Quem ainda iria fazer um bebê nos dias de hoje?

ROCO – Eu estava me referindo ao fato de largarem uma pobre criança ali!

MOMA – Como você sabe que ela é pobre?

ROCO – E como não haveria de ser, se vive no mesmo mundo que nós?

(Pausa, ambos se olham.)

MOMA – Vá buscá-lo!

ROCO – Mas por que eu iria fazer isso?

MOMA – Porque não podemos deixá-lo ali. A crueldade não é uma característica das nossas personagens.

ROCO – Está bem. Mas você pode ir buscá-lo com suas próprias pernas!

MOMA *(doce)* – Roco, eu só estava pedindo um favor.

ROCO – Você me deu uma ordem!

MOMA – Está bem! Eu vou! *(Enquanto coloca um chapéu)*
E se ele estiver com fome?

ROCO – Então seremos três na mesma situação.

(Moma pega a espingarda e sai. Roco fica algum tempo parado, respira ofegante. Escuta um forte estrondo. Vai até a janela, observa curiosa e atentamente. Sai da janela, ainda ofegante. Escuta novamente um estrondo. Moma entra sem pressa.)

ROCO – E então?

MOMA – Não se mexe.

ROCO – Está gelado?

MOMA – Não. Muito pelo contrário. Ele arde.

ROCO *(reflexivo)* – Bem, será que ainda resta alguma coisa gelada neste planeta?

MOMA *(olhando para o bebê)* – Seu coração, talvez.

ROCO – Ah, sim, Moma! Pois o seu é um forno. *(Fala rapidamente)* Oh, não! O forno fica em outro lugar. Que por sinal...

MOMA *(bruscamente entrega o bebê)* – Olha o bebê! É um menino.

ROCO – Deixe-me ver. *(Pega com certo cuidado, observa bem e repara que é um brinquedo)* Realmente, está sem vida. Mas com olhinhos brilhantes. Um bebê de plástico! *(Intrigado, chacoalha o boneco e fala com muita surpresa)* Mas parecia se movimentar.

MOMA – Havia uma sacola embaixo dele. Mexia com o vento.

ROCO (*suspirando, para si*) – Nem ao menos nos olhos podemos confiar mais.

MOMA – Ainda bem.

ROCO – Você acha isso bom?

MOMA – Você sabe que falo do bebê.

ROCO – É verdade. Melhor assim. Isso destruiria toda a teoria inicial sobre o fim.

MOMA – Destruiria muitas outras coisas. (*Arranja uma pequena cama*) Vou deixá-lo aqui. (*Pega o boneco de volta*) Com seus bracinhos e suas perninhas de plástico, assim esticadinho. Clamando por alguma coisa. (*Pausa, fixa o olho no boneco por algum tempo*) Vai se chamar Abel.

ROCO – Não deveria ser outro?

MOMA – Ainda me resta bondade.

ROCO – Sob qual ponto de vista?

MOMA (*categoricamente*) – Sob o meu, é evidente. (*Olhando para o boneco*) Fique tranquilo, Abel. Certamente você está em posição muito mais confortável que qualquer outro.

ROCO (*imitando toscamente uma voz infantil*) – *Está bem, trate-me bem. Sou o único herdeiro deste lugar e parará... pororó...*

MOMA – Não sei se essa voz é a mais adequada. Você é capaz de melhor interpretação. (*Pausa*) Além disso, ele seria um bebê prodígio, com tamanha fluência. Fosse assim,

confesso que até poderia pensar em sua capacidade de ser: SALVADOR. (*Reflexiva*) O que, inclusive, poderia demandar uma troca de nome e, então, isso sim seria ruim, pois já estou tão apegada a chamá-lo de Abel. (*Suspira*) Não seria fácil aceitar uma troca.

ROCO (*coloca a mão no peito*) – Sim, Abel me agrada também. Não vejo possibilidade de mudar isso. Seria grotesco!

(*Ficam em silêncio contemplativo por um longo tempo.*)

MOMA – Mas como um bebê de plástico foi parar ali?

ROCO – Isso, sinceramente, não me importa, Moma.

MOMA – Pois deveria! (*Pausa, pensa um pouco*) Talvez existam crianças. (*Para si*) Crianças que brincam, o que é ainda mais curioso!

ROCO (*tentando interagir*) – Moma, penso que as crianças sempre brincam.

MOMA (*ainda falando para si*) – Ou poderia ser um adulto infantilizado...

ROCO (*tenta mudar o assunto*) – Sabe, eu brincava bastante quando era criança!

MOMA (*pensando*) – Um adulto que brinca de boneca, nos dias de hoje, seria curioso ou pavoroso?

ROCO (*lembrando*) – Eu brincava fora de casa, mas brincava em casa também. Brincava mesmo que não tivesse ninguém para brincar comigo. Eu gostava de...

MOMA *(grita)* – Já sei! *(Com entusiasmo)* Talvez ele represente o começo de uma nova era! Abel, o homem de plástico. Um ser do futuro!

ROCO *(pausa por um tempo, ri muito alto)* – Pois o único futuro que lhe resta é derreter sob o sol.

MOMA *(com decepção)* – Pobre Abel!

ROCO – O homem do futuro, criatura de plástico derretida no asfalto sob um sol escaldante!

MOMA – Muito apropriado!

ROCO – Inapropriadamente próprio!

MOMA *(com leve pesar)* – Próprio da nossa existência.

ROCO *(com muito vigor)* – E digno da nossa ignorância!

MOMA *(com entusiasmo)* – Viva, Abel!

ROCO *(forte)* – Viva! Que o Rei derreta no asfalto! Perninhas de plástico lentamente se derramando como uma vela.

MOMA *(como se derretesse)* – Abel! Abel! Abel... Abel...

(Os dois suspiram e, em silêncio, observam o bebê. Depois de um tempo, Roco começa a se mover pelo espaço, como se procurasse algo ou alguma distração. De tempos em tempos, observa Moma, que continua imóvel, olhando Abel fixamente. Aos poucos, Roco fica cada vez mais inquieto, com movimentação quase contínua. Às vezes, estaciona o corpo bem próximo à Moma, olhando-a diretamente; ela, por sua vez, não reage. De vez em quando, ele também faz alguns barulhos propositais, mas nada capta a atenção da

mulher além do brinquedo. Repentinamente ele para e fala em voz alta, como se puxasse um assunto.)

ROCO – Já são doze horas?

MOMA – É provável.

ROCO (*caminha*) – Que dia!

MOMA (*responde de forma automática, continua olhando para o bebê*) – Sim, quem diria. Muitas emoções surpreendentes.

ROCO – Poderíamos tomar um chá?

MOMA – Não.

ROCO (*pausadamente*) – Mas você não gostaria de um chá, Moma?

MOMA – Não neste momento, Roco.

ROCO (*inquieto*) – Está bem. Foi o que imaginei. (*Pausa*) Me faria bem um chá. (*Debochado*) Acompanhado de biscoitos, é evidente. (*Pensa*) Acho que poderia até ficar somente com os biscoitos. (*Pausa*) Me encantaria comer biscoitos!

MOMA (*distante*) – Está bem.

ROCO (*fica irritado lentamente*) – Biscoitos amanteigados. Crocantes. (*Pausa*) Mas que não estejam duros demais!

MOMA (*indiferente*) – Perfeito, já entendi. Você não precisa falar mais.

ROCO (*provoca*) – Seria melhor se estivessem duros? Oh, não, não! Devem estar moles. Somente mole está adequado!

MOMA (*umenta a voz*) – Você poderia fazer o favor de calar a boca?

ROCO (*com afetada surpresa*) – Não lhe apetece que esteja duro?! Por quê?

MOMA – Quietos!

ROCO (*grita*) – Duro, não! Duro, não!

MOMA – Cale a boca! Cale a boca!

ROCO – Ela não quer assim!

MOMA (*com muita raiva*) – Seu imbecil!

ROCO (*dramaticamente impressionado*) – Ora, veja, parece que estamos em uma discussão agora!

MOMA – Exatamente, era o que você queria!

ROCO – Precisamos de uma discussão! Temos uma discussão! A plateia necessita de algo!

MOMA – E você sempre arranja um jeito de movimentar as coisas!

ROCO – Ao menos a mim incomoda muito o fato de ficarem paradas!

MOMA (*furiosa*) – Nunca estão paradas. Nunca estão!

ROCO – Quando não há perspectiva, não há movimento.

MOMA – Circular! Movimento circular também é movimento.

ROCO – Que não chega a lugar nenhum!

MOMA – Mas isso não é culpa minha!

ROCO (*fingidamente ofendido*) – Moma, eu jamais falei que era.

MOMA – Mas fala como se fosse! (*Pausa, respira, recompõe-se*) Tudo bem, isso não faz diferença. Fosse ou não fosse, falasse ou não falasse, eu não me importaria mais.

ROCO (*cansado*) – Não tenho convicção.

MOMA (*seca*) – Isso também não me importa.

(*Silêncio.*)

ROCO – E agora?

MOMA – Seguimos na mesma. Em espera.

ROCO – A vida toda.

MOMA – Sim. Desde sempre. A gente espera para nascer e quando nasce já começa uma nova espera. (*Pausa*) Todo dia há espera. (*Pausa*) Honestamente, não sei por que hoje ainda esperamos. Se o único futuro possível é o fim, qual o sentido de continuar a espera?

ROCO – Sempre há aqueles que ficam até o fim da festa.

MOMA – Isso não é uma festa.

ROCO – Para muitos foi.

MOMA – O que não nos inclui.

ROCO – É esse o nosso fardo? Será? Ou ao menos é o que nos restou. (*Irônico*) Talvez deveríamos começar a nos sentir especiais.

MOMA (*ri alto*) – Está bem. Eu poderia me esforçar para isso, mas não sei se vou conseguir me enganar. Porém, posso tentar, é verdade. Talvez todo mundo tente fazer um esforço para se sentir especial.

ROCO – Moma, talvez todo mundo seja somente nós.

MOMA – Sim. Mas estou falando para além disso, em uma *escala maior*.

ROCO – As pessoas. Elas. Sim, *as pessoas*, mesmo que em um momento curto de suas vidas, se esforçaram para sentir que eram especiais. (*Muda a voz*) *Ai, eu sou muito especial! Veja bem, você nem sabe o que me aconteceu... Nossa, isso só acontece comigo!*

(*Silêncio.*)

MOMA (*olha nos olhos de Roco*) – Roco, você não respondeu à minha pergunta.

ROCO – Que pergunta?

MOMA – Qual o sentido de continuar a espera?

ROCO – Precisa haver algum?

MOMA (*irritada*) – Consegue me responder de maneira consistente?!

ROCO (*provocativo*) – Preciso te responder somente o que desejas?

MOMA – És tu o último remanescente da espécie dos babacas?

ROCO – Tens medo de que a espera não acabe aqui?

MOMA (*muito assustada*) – Teus olhos estão sangrando?

ROCO (*assusta-se e coloca rapidamente as mãos nos olhos*) – Puta merda! Não, não, não! Agora, não! (*Percebe que não há sangue*) Mas o que...

MOMA (*rápida*) – Rá! Perdeu!

ROCO (*suspira conformado*) – Tudo bem. Tudo bem. (*Respira e se recompõe*) Mas a espera. Bem, acho que o real sentido das coisas só pode ser descoberto no fim. (*Pausa*) Está bem, não sei se acredito nisso. Não sei por que estamos aqui. Não há perspectiva, é fato. Mas e se tivermos uma vida inteira pela frente? Nem isso temos como saber, é verdade. Mas convenhamos que, nesse aspecto, não há diferença alguma entre eu, você e nossos antepassados.

MOMA (*ofendida*) – O quê? Você realmente acha que existe algo em que podemos nos comparar a eles?

ROCO – Me parece que sim. Guardadas as devidas proporções, não creio que somos tão diferentes.

MOMA – Mas veja só! A gente vive e não vê tudo! (*Pausa*) Somos incomparáveis. Desproporcionalmente incomparáveis.

ROCO – Moma, às vezes tenho a impressão de que você não consegue relativizar nada.

MOMA (*com nojo*) – Seres abjetos! Você sabe bem. (*Em tom de advertência*) Não se relativiza esse tipo de coisa, Roco!

ROCO – Então talvez o problema seja uma generalização.

MOMA – Se há dez pessoas em uma mesa e um cretino chega e se senta, mas ninguém se levanta, então...

ROCO – Sabemos bem!

MOMA (*insiste*) – Então...

ROCO – Então há onze cretinos de merda! (*Riem bastante os dois*) Está bem. São desprezíveis, está bem.

MOMA – Se eu pudesse voltar no tempo e olhar na cara de cada filho da mãe desgraçado que um dia...

ROCO (*interrompe com entusiasmo*) – Você pode!

MOMA (*sem entender*) – O quê?

ROCO – Você pode! Quero dizer, não que possa literalmente, mas é *como se fosse*. Assim, você pode.

MOMA – Roco, do que é que você está falando?

ROCO – Veja bem. (*Didático*) Eles não estão mais aqui. Parece cada vez mais evidente que não há absolutamente ninguém aqui. Mas nós, sim, estamos. (*Em tom de segredo*) Então, podemos criá-los, inventá-los, entendeu? Não vai trazer ninguém de volta, mas nós sabemos que isso é até uma coisa boa.

MOMA – Eu não entendo mais nada do que você está falando.

(Roco pega o braço de Moma e, lentamente, os dois caminham até ficarem o mais próximo possível da plateia, na boca de cena. Roco estala os dedos e, no mesmo instante, deve acender uma luz sobre os espectadores. Os dois observam o público.)

ROCO – Com frequência eu os imagino aqui. Aqueles que vieram antes de nós. *(Longa pausa)* Olhe, Moma. É só imaginar. *(Fixa o olho em uma pessoa da plateia)* Ali! Ali, tem um homem, olhe nos olhos dele. O que você quer dizer?

(Pausa)

MOMA *(impressiona-se, olhando para a pessoa)* – É, eu consigo ver sim. *(Pausa)* Mas é tão real que já não tenho vontade de falar mais nada.

ROCO – Impressionante, não é mesmo? *(Pausa, fala provocativamente)* Por que você não o insulta?

MOMA *(leve)* – Porque isso me parece desnecessário agora.

ROCO – Você deveria aproveitar este momento. *(Fala no ouvido dela)* Vai. Grite com ele. Não precisa ter medo, ele não é real.

MOMA – De certa forma ele é, sim. *(Pausa)* E a raiva que eu sinto parece agora menos relevante do que a pena que tenho dele.

ROCO *(firme)* – Não há um único homem que tenha vivido antes de nós que seja digno de pena. Você mesma fala disso.

MOMA – Mas é o que eu sinto agora. *(Pausa)* Pobre homem. Será que algum dia ele foi livre de verdade?

ROCO *(também olha para o homem)* – Com certeza ele acha que sim.

MOMA *(desliza o olhar para outras pessoas e fala pausadamente)* – Vão, criaturas. Tudo pesa em vão. O futuro é o fim. *(Pausa, proclama com força)* Dignifiquem vossas vidas! *(Pausa, fala emocionadamente)* E tenham misericórdia com todos aqueles que virão depois de vocês. *(Longa pausa)* Só o amor é leve.

ROCO – Amor-próprio?

MOMA *(dá de ombros)* – Que seja.

ROCO – Bem, realmente tanto faz. Essa última parte certamente nenhum deles levou a sério.

(Silêncio.)

MOMA *(para o público)* – Cretinos!

ROCO *(desvia o olhar do público e muda de assunto)* – Será que o bebê está com fome?

MOMA *(lembrando)* – Abel! *(Vai até o boneco)* Ainda parado na mesma posição! Que belo exemplo de criatura. Certamente não está com fome, do contrário ouviríamos agora um choro, ou um chorinho.

ROCO – Bem, eu estou com fome, mas nem por isso vou chorar.

MOMA (*com exagero*) – Que bom, eu lhe agradeço tanto por isso!

(Silêncio. Os dois ficam pensativos, em lugares opostos do espaço.)

ROCO (*aproxima-se lentamente dela e sussurra*) – Moma, estou com uma ereção neste momento. (*Começa a encostar as mãos nela*) Veio de repente.

MOMA (*interrompe*) – Estamos na frente do bebê!

ROCO – Ora essa! O Príncipe não se importa.

MOMA – Ele não era Rei?

ROCO – Ainda não! (*Começa a sentir o cheiro dela, como farejando*) Você está com vontade?

MOMA (*suspira*) – Sim, estou. O que é absolutamente normal!

ROCO (*malicioso*) – Com certeza, Moma. Completamente de acordo.

MOMA (*afasta-se do bebê*) – Mas isso não significa que seja preciso recorrer a métodos mais conservadores.

ROCO (*atrás dela, farejando*) – Há que deixar as coisas se desenrolarem. Naturalmente. Se desenvolvendo *porta adentro*.

MOMA (*seriamente se impõe*) – Não vamos começar com isso, Roco! Não haverá penetração!

ROCO – Tudo feito com cuidado pode ser muito bem feito.

MOMA – Já vivemos o suficiente para saber que não.

ROCO – E por que não adicionar mais emoção nesta vivência toda?

MOMA – Se jogue da janela. Serão segundos de intensa emoção!

ROCO – Está bem, está bem... (*mudando o assunto*) Mas só queremos o prazer, não é verdade? Vamos em busca disso?

MOMA – Com certeza, e existem milhões de formas para conseguir esse prazer, excluir somente uma não vai gerar prejuízo algum. Além disso, você pertence a uma geração que deveria trazer uma gama mais completa de atualizações. (*Pausa*) Mesmo sendo homem. (*Reflexiva*) É, com certeza, mesmo sendo homem.

ROCO (*joga-se rapidamente e agarra-a com vontade*) – Entendi, entendi... perfeitamente (*esfrega seu corpo no de Moma, que fica parada com o olhar ao longe*) Que seja como você quiser...

MOMA (*distanciando-se bruscamente*) – Não! Perdi a vontade. Passou.

ROCO (*avança*) – Pois a minha ainda não.

MOMA (*firme*) – O problema é seu!

ROCO (*tenta se aproximar*) – Mas havíamos chegado a um acordo...

MOMA – Ele não foi formalizado e, ainda que o fosse, estaria prontamente rompido!

ROCO (*avança para ela*) – Mas eu só quero que você...

(Ela dá um chute entre as pernas dele.)

MOMA – Não!

(Ele cai no chão, gemendo de dor.)

ROCO – Puta merda, Moma! Por que você fez isso?!

(Geme) Era só falar.

MOMA – Mantenha a postura. E não perca a formalidade. Temos um acordo. *(Pausa)* Lembremo-nos de dignificar o fim e, acima de tudo, de jamais perpetuar esta espécie.

ROCO *(gemendo um pouco menos)* – Ninguém falou em perpetuar porra nenhuma!

MOMA – Tampouco ninguém está disposto a assumir qualquer risco. *(Pausa, olha firme para ele)* Tenho certeza de que nenhum de nós deseja repetir ações que já ficaram para trás. *(Pausa)* Não é mesmo, Roco?

ROCO – Tudo bem. *(Lentamente se aproxima dela, com respeito)* Peço desculpas. *(Lentamente faz uma reverência e fala com calma)* Licença, madame, poderia então ao menos fazer o prazeroso favor de me masturbar?

MOMA – Não, obrigada.

ROCO *(implora)* – Um leve carinho em meu falo erigido?

MOMA – Não quero tocar em você no momento! *(Muda de assunto)* Aliás, você havia falado em fome, e eu também sinto o mesmo! Sabe que hoje é seu dia de caça, não é mesmo?

ROCO (*suspira*) – Não há muito o que fazer com este calor, Moma.

MOMA – Acontece que ele não vai passar logo. Aliás, eu nem sei *quando* ele vai passar.

ROCO – Então vamos ter que comer bananas de novo.

MOMA (*sem paciência*) – Que seja! Pegue o que quiser, mas vamos comer de uma vez!

(Roco pega a espingarda e sai em silêncio, cansado. Moma escuta um estrondo, caminha até o bebê e olha para ele por um tempo, em silêncio. Caminha até uma poltrona e senta, olha para o bebê novamente e fica em silêncio por um longo tempo. De longe, ela fala diretamente com Abel, de maneira firme, em categórico desabafo.)

MOMA – Sabe o que vai acontecer amanhã? Este planeta vai seguir girando. Como agora. (*Pausa*) Talvez um dia o sol consiga queimar tudo o que ainda resta. Até as baratas. (*Pensa*) Não, as baratas não. (*Pausa*) Mas a Terra vai girar. Tostadinha. (*Cantarola para o bebê*) Cada coisinha pequenina vai derreter, vai derreter. (*Pausa, fala irritadamente*) Não lhe cabe perguntar por quê! Já não cabe mais! Agora isso não importa. (*Desvia o olhar para o vazio*) Perderíamos o resto da vida em busca de uma resposta e, ainda assim, ela não serviria para absolutamente nada. Uma vida dedicada à pesquisa! Veja só, que nobre. (*Breve pausa*) Porém, trago péssimas novidades. Lamento dizer que sua obra agora está no lixo. (*Ri espontaneamente*) Não, no lixo não! Está guardada, com certeza, mas hoje tudo o que ainda resta é lixo, guardado ou não. (*Pausadamente*)

Absolutamente tudo. *(Pausa, olha para o bebê)* Sim, ele já deveria ter voltado! *(Vai até a janela)* A não ser que as bananeiras agora tenham pernas. Se for assim, certamente estarão longe, caminhando sem parar em busca de um lugar melhor. Coitadas! Mal sabem elas que isso é impossível. Corram, bananeiras, corram. Arrastem seus cachos e, se eles caírem, não se importem, outros irão nascer depois. *(Ri com vontade, pausa longa)* Mas por que a demora? Céus! *(Pausa, fala de forma pensativa)* É difícil segurar o interesse do público quando não se tem mais alguém para gerar conflitos. *(Pausa, olha para o bebê)* Será que agora restamos somente nós? *(Pausa)* Ah, quem poderia imaginar! O último ser humano da Terra é uma mulher! Sim, sim, e seu filho de plástico, é verdade. *(Aproxima-se do bebê lentamente e fala com carinho, como se fosse um segredo)* Sim, te tratarei como um filho. Mas caberá a ti a penosa missão de presenciar o fim de uma espécie que jamais deveria ter sobrevivido tanto. É triste, afinal se trata de tua própria mãe. Contudo, será um alívio, nós dois sabemos disso. *(Escuta um estrondo e fala entediada)* Bem, tudo segue do mesmo jeito. *(Olha para o bebê)* Você acha que eu gosto? *(Pensa um pouco)* Confesso que, às vezes, penso que isso pode ser verdade.

(Roco entra em cena com um grande saco na mão, larga a espingarda ao chão e coloca o saco no meio da cena.)

MOMA – As bananeiras estavam correndo de você?

ROCO *(ignorando a pergunta)* – Pronto, agora temos o suficiente para alguns longos dias.

MOMA – Todos os dias são longos.

ROCO (*tirando muitas bananas do saco*) – É verdade. (*Muda o tom*) Demorei, eu sei. Mas resolvi adentrar o casarão d’Os Sete.

MOMA – Procurando espíritos? Ou ratazanas?

ROCO – Nenhum. Apenas me deu vontade. Fazia tempo que não ia até lá.

MOMA – Por mim, continuarei a não ir. Como ele estava?

ROCO – Do mesmo jeito. (*Revirando o saco*) Resolvi trazer alguns livros. (*Tira livros do saco*)

MOMA – Há muito tempo desistimos de adquirir conhecimento.

ROCO – A leitura também tem outras finalidades.

MOMA (*irônica*) – Oh! Perdão, eu havia esquecido!

ROCO – Além do mais, eu trouxe somente ficção. Sei selecionar muito bem. (*Observando os livros*) Kafka. Márquez. Beckett, que eu trouxe sem querer, e uma Bíblia.

MOMA – Que absurdo!

ROCO – Desculpe, pensando bem, não consigo entender por que peguei esta Bíblia.

MOMA – Eu me referia ao fato de você só escolher homens.

ROCO – Foi sem querer.

MOMA – Mas trazer a Bíblia me parece espantoso e um pouco desafortunado também.

ROCO – Sim, peço desculpas.

MOMA – Pelo primeiro ou pelo segundo erro?

ROCO – Pelo segundo, sem dúvidas.

MOMA – Não me surpreende. *(Pausa)* Mas, afinal, o que você vai fazer com isso tudo?

ROCO – A princípio eu iria ler. Mas agora me deu preguiça.

MOMA – Sim. Já lemos muito.

ROCO *(melodramático)* – Oh! Juventude apaixonada!

MOMA *(suspira)* – Poesia até o fim dos dias!

ROCO – O ardor deste planeta não se compara aos seus inspiradores versos!

MOMA – Que em ti encontram respaldo, pois cada um é por ti originado. Ainda que o chão queime, e que o céu em vermelho consiga tingi-lo, a poesia desta existência irá para sempre resistir.

ROCO *(dramático)* – Que dor!

MOMA *(com cômica comoção)* – Quanta pobreza!

ROCO *(sarcástico)* – Apesar de tanto estudo!

(Esboçam um riso que rapidamente se esvai, como se perdesse a força por preguiça. Silêncio.)

MOMA – Roco, não convém que mostremos esta Bíblia para Abel.

ROCO *(prontamente)* – Isso sequer passou pela minha cabeça.

MOMA – Ainda bem.

ROCO – Você não está com fome?

MOMA – Sim! *(Pega uma banana)* Muita fome! Você já comeu?

ROCO – Já. Comi algumas bananas.

MOMA – Debaixo do sol?

ROCO – Não exatamente.

MOMA – Menos mal.

(Ela se concentra em comer bananas e ele folheia os livros sem interesse. Ficam sem se falar por um longo tempo.)

ROCO – Às vezes me parece que um pequeno esforço poderia fazer as coisas tomarem outro rumo. *(Pausa)* Poderia ser uma questão de determinação, talvez.

MOMA – Em nosso caso já não é mais uma opção. A questão agora é somente com a natureza.

ROCO – Mas não foi sempre assim, Moma? Não foi contra a natureza que sempre se lutou?

MOMA – Pois é justamente aí que está o erro.

ROCO – Que pode não ser repetido.

MOMA – Não seja literal! Não há mais tempo.

ROCO – Literal talvez signifique generalizar todos aqueles que vieram antes de nós.

MOMA – Pois bem, há uma generalização que é um fato: são todos somente ossos! *(Pausa, fala com ironia)*
Pobrezinhos...

ROCO – Os únicos pobres somos nós!

MOMA – De espírito!

ROCO *(ergue os braços e fala em tom de deboche)* – Por que me abandonaste?!

MOMA *(olhando para cima com raiva)* – Porco!

(Silêncio.)

ROCO – Vou pegar água quente para o chá.

MOMA – Toda água é quente.

ROCO – Uma ironia, compreende?

MOMA – Ora, que versátil.

ROCO – Obrigado.

(Roco sai de cena, enquanto Moma revira algumas latas ou vidros em busca de ervas. Quando as encontra, ela separa também xícaras e insere nelas algumas folhas. Faz tudo lentamente. Roco retorna com um bule que transborda água fervente.)

ROCO – Quentinha.

MOMA *(irônica)* – Que maravilha.

(Ele despeja água nas xícaras, é um líquido um pouco escuro.)

ROCO – Acho que é isso que um dia vai nos matar.

MOMA – E eu acho que é isso que nos faz cagar tanto.

(Tomam o chá em silêncio.)

ROCO *(em tom de confissão)* – Antes de entrar no casarão, eu passei pela Figueira.

MOMA *(surpresa)* – O que você foi fazer lá?

ROCO – Não sei. Quando saí daqui, eu só tive vontade de caminhar. *(Pausa)* Por acaso cheguei lá.

MOMA *(pensativa)* – Foi uma volta grande.

ROCO – Sim.

MOMA *(provocativa)* – E uma grande coincidência.

ROCO – Sim.

MOMA *(curiosa)* – E você...

ROCO *(fala com segurança)* – Não parei nem por um segundo sequer, Moma.

MOMA *(calma)* – Está bem. Não era isso que eu ia perguntar. *(Pausa)* Você é livre. Ambos somos.

ROCO – Temos um acordo.

MOMA – Que pode ser rompido.

ROCO *(irônico)* – Você não vai me processar?

MOMA – Pensarei no caso.

ROCO – Não se preocupe. Tenho certeza de que você estará aliviada demais para se preocupar com essas bobagens.

MOMA – Penso que isso é realmente possível.

ROCO *(pronuncia pausadamente)* – Cínica.

MOMA – Que seja.

(Tomam o chá em silêncio. Aos poucos, Roco começa a afastar e a matar mosquitos com as mãos. Acelera os movimentos e se irrita rapidamente. Fica muito impaciente e, sem querer, derruba em si um pouco de chá.)

ROCO – Filhos da puta!

(Ele larga a xícara e, em pé, faz movimentos aleatórios para afastar os mosquitos, enquanto profere diversos xingamentos.)

MOMA – É incrível como sua paciência é limitada.

ROCO – Não pedi sua opinião! *(Ele ainda luta contra os mosquitos)* Seus cretinos! Saiam daqui!

MOMA – Sua luta é em vão. Esta guerra está perdida.

ROCO – Não me incomode, Moma! Eu estou realmente irritado com esses vermes hoje.

MOMA – São insetos.

ROCO – Mas que filha da puta espertalhona!

MOMA – Foi só uma observação. Correta e pontual, por sinal.

ROCO – Mas que merda, Moma! Eu estou falando sério. Eles estão piores hoje!

MOMA – Ou é você quem está...

ROCO *(bate forte com a palma da mão em um móvel, matando um mosquito)* – Puta que pariu! Quer que eu te esmague também?

MOMA (*levanta subitamente da poltrona, com expressão séria e dedo em riste*) – Você não ouse falar uma coisa dessas!

ROCO (*muda o tom e fica calmo*) – Desculpe. Foi uma brincadeira. É que esses merdinhas estão realmente me tirando do sério hoje. (*Pausa, ele suspira*) Acho bom você cuidar para que eles não peguem seu filho. Iriam fazer um banquete com ele.

MOMA – Filho?

ROCO – Sim. Seu pequeno herdeiro. Você não é a mãe dele?

MOMA – Seu ridículo! Por que você está falando isso?

ROCO – Calma. Era uma piada. Pensei que não seria preciso explicá-la.

MOMA – Hoje você está com um senso de humor excepcional!

ROCO – Está bem. Acho que me perdi na personagem. Na verdade, eu jamais diria isso. A menos que você pedisse...

MOMA (*coloca a mão na barriga e geme exageradamente*) – Ai!

ROCO (*muito preocupado*) – O que foi? O que aconteceu?!

MOMA – Já estou com vontade de cagar.

ROCO – Ah, sim... Eu também.

MOMA – Bem, mas eu estou realmente com vontade! (*Gemendo*) Ai! É necessidade imediata! Com licença, mas preciso ser rápida.

(Moma sai apressada; poucos segundos depois ela retorna, pega a espingarda e sai novamente. Escuta-se um grande estrondo. Roco fica parado, toma chá em silêncio por um longo tempo. Deixa a xícara na mesa e revira os livros sem pressa. Lê desinteressadamente. De repente, olha para Abel e pensa um pouco. De maneira lenta, pega o boneco e arruma-o sentado em uma poltrona, com a Bíblia na mão e sobre os demais livros. Observa sua obra por alguns segundos, com um leve e sarcástico sorriso. Como se nada tivesse acontecido, volta a beber chá no mesmo lugar de antes. Silêncio por um longo tempo. Ouve-se mais um estrondo. Em seguida, Moma entra e imediatamente dá de cara com Abel.)

MOMA – Que inferno! Meu corpo arde lá fora, e meus olhos queimam aqui dentro! *(Solta a espingarda e corre até o boneco)* Pobre Abel! Coitadinho! *(Dramática, pega o boneco e joga os livros longe, falando com pesar)* Deus te livre desse fardo! *(Coloca-o na cama novamente)* Deita e aguarda o final, sem fazer nada, absolutamente nada. Basta o peso da circunstância!

ROCO *(muito calmo)* – Pois nem percebi que ele havia se movimentado.

MOMA *(fala alto)* – Eu imagino! Você não percebe muitas coisas. *(Ignora o homem e fala para o boneco)* Agora está tudo bem, mamãe já te colocou em teu devido lugar!

ROCO *(surpreso)* – Mamãe?

MOMA *(desajeitada e constrangida)* – Veja bem, falei de maneira automática...

ROCO (*interrompe*) – Você falou *mamãe*?

MOMA (*fala de modo defensivo*) – Você sabe que ele é um boneco! Também não tenho o direito de fazer piadas?

ROCO (*com fúria*) – Você disse: *mamãe*!

MOMA (*grita com força*) – É uma força de expressão!

(*Ele parte para cima dela, agarra-a com força e esfrega-se em seu corpo.*)

ROCO – Não resista, Moma! Não resista!

MOMA – O que você está fazendo? Me solte!

ROCO (*tenta despi-la*) – Vem, *mamãe*! Vamos deixar nossos instintos aflorarem!

MOMA (*protege-se*) – Chega, Roco!

ROCO – Chega, não! Você quer! Eu sei!

MOMA (*tenta afastar as mãos dele*) – Me solte! Eu falei para me soltar!

ROCO – Eu queimo! Tudo queima! Nós queimamos!

MOMA – Chega! Pare com isso! Pare agora!

ROCO – Pode gritar! Grite!

MOMA – Me solte! Chega! Pare! Saia de perto de mim! Saia!

(*Moma o empurra com força; ele cai, mas com rapidez se levanta e avança para ela novamente. Ele tenta arrancar a roupa de Moma, que se debate e se protege.*)

ROCO – Você não me engana! Que isso tudo acabe, mas nós temos que aproveitar!

MOMA *(com raiva e desespero)* – Solte, Roco! Solte! Eu não quero aproveitar merda nenhuma! Pare! Pare! Eu tô falando pra parar!

(Roco a solta e começa a tirar a própria roupa. Moma corre, e ele vai atrás dela. Em um rápido movimento, ela pega o bule e joga o que resta de água quente no rosto de Roco, que coloca imediatamente as mãos nos olhos.)

ROCO *(gemendo de dor)* – Puta merda! No olho, não! Ah, que merda, que merda! *(Gemendo)* Está bem, Moma. Está bem. Eu peço desculpas. *(Respira fundo)* Não sei o que aconteceu, mas isso não vai se repetir. Eu prometo! *(Gemendo de dor)* Você pode confiar em mim.

(Roco ajoelha-se com as mãos nos olhos; tenta se recompor, gemendo e massageando as pálpebras. Enquanto isso, Moma passa por ele lentamente, pega a espingarda e se posiciona com a arma apontada para as costas dele. Ela engatilha, e ele se assusta com o barulho. Roco, então, vira lentamente: quando fica de frente para a arma, paralisa e se apavora, mesmo enxergando pouco. Menos de três segundos depois, Moma dispara em direção ao peito de Roco, que cai morto no chão. Silêncio por um longo tempo.)

MOMA *(para o bebê)* – Não chore, Abel. Não há ser humano que seja digno de uma só lágrima nos dias de hoje. *(Pausa, ela se senta na poltrona)* Agora sim, a mulher está plena. *(Pausa)* Não do jeito que eu gostaria, é verdade. *(Pausa)* Quem poderia imaginar! Tanto esforço para chegar... aqui. *(Pausa)* Bem, eu sei que sempre estive sozinha. *(Pausa)* Como todas as outras. *(Pausa)* Seria pedir muito que fosse

diferente? *(Pausa)* Isso já não importa. *(Pausa, olhando para a janela e mudando de assunto)* E este planeta, que não teve um dia de paz enquanto vivemos nele? *(Pausa longa, olhando ao redor)* Bom, mas nem ao menos no fim deveria acontecer algo digno dos aplausos da plateia? Oh! Não estou convencida disso! Que o tédio seja um evidente sinal de que ninguém gostaria de estar em meu lugar. *(Pensa por um tempo, olhando para Roco)* Lute por suas convicções e morra enterrado por elas! *(Pausa, anda rapidamente até a boca de cena e encara o público, como se olhasse nos olhos de alguém)* Olhe. Escute. Não finja que isso não lhe pertence. É seu. É todo seu! Absolutamente seu. *(Lentamente se aproxima do bebê e lhe fala com calma e seriedade)* Abel, na verdade não sou sua mãe. *(Pausa)* É provável que sua verdadeira mãe já não exista mais. Mas sei que, no fundo, você não se importa com nada disso. Você já é maduro. *(Pausa, coloca a espingarda ao lado do boneco)* Mas tome cuidado, Abel. Tudo sempre pode acontecer e é bem provável que amanhã o sol nasça novamente. *(Pausa longa)* Se alguém perguntar, diga que fui até a Figueira. Mas sem demora, pois de lá devo seguir para longe. Adeus e boa sorte.

(Pega a espingarda e sai de cena. Ouve-se um estrondo alto em seguida. Fecha-se a cortina.)

FIM

Não há mar

Personagens (podem ser interpretadas por qualquer pessoa, inclusive sem a necessidade de serem representadas por figuras humanas):

SAL

LUT

Cenário:

Poucos, pontuais e funcionais objetos.

I.

SAL – A lua nos mostra sua face ou suas costas?

LUT – A face.

SAL – Isso é muito injusto.

LUT – Por quê?

SAL – Ela assiste a tudo isso e continua assim, inerte.

LUT – Não é verdade. Ela faz muita coisa.

SAL – Está bem, mas não muda o fato de que ela continua ali, nos olhando com a mesma cara. A melancolia pelo reflexo e o alívio pela distância.

LUT – Sim. *(Pausa)* Se ela mostrasse a bunda seria mais objetivo.

(Silêncio.)

SAL *(como quem retoma um assunto)* – Você precisa lembrar das manhãs.

LUT *(prontamente)* – Nunca existiram manhãs!

SAL – É claro que existiram.

LUT – Você me levava à praia.

SAL – Você me levava.

LUT – Tanto faz.

SAL – Vivíamos juntos. Como agora.

LUT (*caminha até um ponto do palco*) – A violeta desabrochou.

SAL – Que bom. A vida segue.

LUT – Que irônico.

SAL – O quê?

LUT – Que as plantas vivam melhor do que nós.

SAL – Nós quem?

LUT – O mundo todo.

SAL – Sempre foi assim.

LUT – Eu não tenho certeza disso.

SAL – Ainda há mundo?

LUT – Não sei.

SAL – Pois deveria.

LUT – Não sei bem ao certo se quero.

SAL – Está bem. Acho que não quer. Mas também não faria diferença. Mundo, grande ou pequeno, tanto faz. Que exista. O problema não é nosso.

LUT – Nós não temos problema.

SAL (*falando pausadamente*) – Nós somos o nosso próprio problema.

(*Longo silêncio.*)

SAL – Esta tristeza já não cabe em mim.

LUT – Deixe-a transbordar.

SAL – Que diferença isso faz?

LUT – É o que as pessoas fazem.

SAL – Eu não tenho certeza.

LUT – Se ela é maior do que você, já não há o que fazer.

Ou você a tira, ou ela vai sair sozinha.

SAL – Simples.

LUT – Não é. Mas você não tem escolha.

SAL – Deixá-la aqui dentro deve ser mais seguro.

LUT – Seu corpo não é uma prisão. Mas você sabe. (*Pausa*)

As pessoas choram.

SAL – As pessoas.

(*Pausa.*)

LUT – Nem todas, eu acho. A maioria, talvez.

(*Pausa.*)

SAL – E a Srta. Schultz, que nunca chorou?

LUT – Isso é impossível.

SAL – Talvez não. (*Pausa*) Sabe que gosto a tristeza tem?

LUT – Não.

SAL – Tem gosto de onda.

LUT – Não.

SAL – Onda de água do mar. De repente. (*Pausa*)

LUT – Você quer ir ver o mar?

SAL – Não.

LUT – Está bem. Já é tarde. Ele é mais bonito ao nascer do sol.

SAL – Se eu vir o mar, ele me leva.

LUT – E você quer ir?

SAL – Acho que sim.

LUT – Então não vamos.

SAL – Melhor assim.

(*Silêncio.*)

LUT (*com esforço*) – Agora. Vamos inventar que tudo isto é perfeito.

SAL (*com firmeza*) – Jamais poderíamos.

LUT – Três. Dois. Um!

SAL – Você só inventa aquilo que vê, não o que sente.

LUT – Mas então ao menos podemos inventar que isto é bonito!

SAL – E de que adiantaria?

LUT – Por diversão, talvez.

SAL – Eu não conseguiria.

LUT – Eu também não. Acho que não. Nenhum de nós poderia imaginar que isto é bonito. *(Pausa)* Você não quer mesmo ir à praia?

SAL – Não.

LUT – Eu quero. Serei areia. Infinito. Mais um grão entre aqueles milhares.

(Pausa.)

SAL *(irritado)* – Eu não quero ir à praia.

LUT – Você não quer ver o mar?

SAL – Não.

LUT – Melhor assim então. *(Pausa)* Você não merece.

SAL – Você também não.

LUT – Eu sei. Nenhum de nós.

(Silêncio.)

II.

SAL – Bom dia, senhor Jordi!

LUT – Bom dia é o caralho. Bem dizer, quero que se foda!

SAL – Sábias palavras, cavalheiro. Como sempre, o senhor está pouco se fodendo. Fico feliz! Como é bom ver um nobre homem aproveitar o que de melhor a vida pode lhe oferecer!

LUT – Vida, inferno e paraíso.

SAL – *Por supuesto.* *(Mudando o tom de voz)* Por via das dúvidas, o senhor está pouco se fodendo hoje no sentido

de ter acordado com um nobre sentimento de piedade e de bondade que o fará parar de foder?

LUT – O que você imagina?

SAL – Que o senhor está pouco se fodendo ao ponto de querer continuar fodendo, pois não é por não se foder que deixará de foder com as contínuas e intermináveis fodelaças.

LUT (*falando pausamente*) – Pre-ci-so.

SAL – Então vamos ao ponto, meu senhor: com quantos irá querer foder hoje?

LUT – Confesso que tenho dúvidas. Mas sinto que quero muito.

SAL – Continuaremos na casa dos centésimos de milhões?

LUT – Sim! Isso sim.

SAL – Já faz tempo.

LUT – E continuaremos por muito mais!

SAL – Pois bem, que se fodam então!

LUT – Que se fodam! Que se fodam! É isso!

SAL – Vamos por aqui, mestre Jordi, a fodeção vai começar.

LUT – Vai continuar!

SAL – Mais um dia de milhões!

LUT – Milhões por dia! Milhões por dia! Vamos fuder! Vamos fuder com todos!

SAL – Fodam-se!

LUT – Fodam-se todos! Fodam-se todos vocês!

(Silêncio.)

SAL – Eu me lembro da última vez em que fomos à praia. Eu queria chegar perto de outras pessoas, mas você não deixou.

LUT – Você não podia.

SAL – Eram crianças!

LUT – Você também.

SAL – Você não? *(Pausa)* Eu lembro, em minha pele. A criança brinca sozinha e mal vê o tempo passar. Ele corre rápido. Como a areia, correndo baixinho. O olho fixa: “– Vamos ali!”; “– Não pode!”; “– Vamos!”; “– Não dá, não dá, não dá!”. A ostra protege a pérola e, no fim, ela não passa de um grão polido. É igual aos outros, não passa de um grão. Que se misture. Que se perca. Mas você, você não pode!

LUT – Ninguém pode.

SAL – Mas nem todos se importam com isso.

LUT – Sempre há o risco.

SAL – Que alguns correm.

LUT – E morrem.

SAL – Morrem todos.

LUT – Morremos.

SAL – Morreremos!

LUT – Ou já estamos mortos.

SAL – Não temos como saber.

LUT – Isso é o mais cruel.

(Silêncio.)

LUT – Tenho pensado que carrego comigo não só a minha dor.

SAL – Não seria justo.

LUT – Não se pode esperar por justiça. A própria espera pela justiça já é uma injustiça.

SAL – Mas como eu poderia me conformar com o fato de que uns sofram tão mais do que os outros?

LUT – Isso sempre foi assim.

SAL – O que não é suficiente para que eu me conforme mesmo assim.

LUT – Eu sei. Também não me conformo. Mas ando ocupado demais para pensar se existe alguém que não sofra e que viva bem desse jeito. Dentro da minha cabeça há uma lâmina que não para de se movimentar. Procuo uma saída, uma posição confortável, mas nada me parece bem. Não há paz. Sinto vontade de ficar deitado, no escuro, em silêncio. Ainda que isso não aplaque o sofrimento, ao menos me faria pensar que nada de pior pudesse acontecer.

SAL – Dentro de mim estão as piores armadilhas.

LUT – Não há como escapar delas.

SAL – É sempre tarde demais.

LUT – Você pode sentir que está vindo, que está chegando, mas mesmo assim ser tarde demais. Você perdeu. Novamente, você perdeu. Você perdeu. Novamente, você perdeu.

SAL – É isso. Tarde demais.

LUT – Novamente, você perdeu.

SAL – Não tenho coragem nem de me olhar no espelho. As feridas que mais me doem não aparecem ali, mas tudo o que vejo é reflexo dessa dor. *(Pausa)* No fundo dos meus olhos há um vazio impossível de preencher. Eu não vejo a luz. Quando a noite descobre o escuro do céu, o universo surge para mostrar o infinito, mas aqui embaixo é tudo igual. Perto, longe, tanto faz. Eu não sei o caminho. Não consigo guiar nem ao menos os meus próprios pés, pois a trilha que caminho é um círculo. Eu habito este corpo, mas não há ninguém em casa. *(Pausa)* Feche a janela, por favor. Eu tenho medo e acho que isso vai demorar a passar. Tudo em mim é nada.

(Silêncio.)

LUT e SAL *(ambos repetem os refrões a seguir como marinheiros, alternando-se e cantando os versos aleatoriamente):*

– Vicente visita a vovó,

Vicente visita a vovó;

Corpo presente é uma miragem:

Olha pra mim, o menino está só.

Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
Anda, menino, que o tempo é curto:
A casa se fecha, não entra o pó.

Estes braços seguravam meu bem
Se pudessem, sem medo e sem pressa;
O cheiro de ontem no peito arrebenta,
A ferida que crava como uma flecha.

Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
O beijo da noite parece tão doce:
Finge que esquece e desata esse nó.

Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
Anda, menino, que o tempo é curto:
A casa se fecha, não entra o pó.

O tempo estala em fúria de pressa
Ao pai de Vicente, que a brisa não quer;
O cheiro do outono, o sopro no bolo,
Leva um pedaço embaixo do pano.

Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
Inquieto, imóvel com sua armadura:

Chora, menino, igual dominó.
Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
Tenho certeza, já não há mar
que se compare à angústia de um só.

Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó;
Vicente visita a vovó,
Vicente visita a vovó:

*tenho certeza, já não há mar
que se compare à angústia de um só.*

(Silêncio.)

SAL – No escuro de ontem havia muitos escarlates novos.

LUT – Mais de mil?

SAL – Mais de dois mil.

LUT – Isso é muito.

SAL – Sim.

LUT – Dois mil em um só dia! É um terror!

SAL – Mais de dois mil.

LUT – Quantos mais?

SAL – Não sei. Parei de contar. Não tive coragem. *(Pausa)*
Alguns eram tão pequenos que mal pude enxergar.

(Pausa.)

LUT – Curioso, pois não percebi a luminosidade. Parecia normal.

SAL – É que muitos quase não têm brilho.

LUT – Alguns brilham demais. Nem mesmo o cinza consegue encobri-los.

SAL – Mas são cada vez mais numerosos.

LUT – Já faz tempo.

SAL – Eles só aparecem por quatorze dias. Depois somem, definitivamente.

LUT – Eu acho que alguns ficam lá para sempre.

SAL – Não mais. Isso foi há muito tempo. Hoje eles somem. Depois de duas semanas já não se veem.

LUT – Você pode não saber, mas, em algum lugar, alguém sabe.

SAL – Temo que não.

(Pausa.)

LUT – Será que hoje teremos muitos novamente?

SAL – É provável. Mas não vou mais contar.

LUT – Você não pode.

SAL – Posso sim.

LUT – Você não deve.

SAL – Isso não me faz bem.

LUT – Mas é importante. Além do mais, você gasta muito tempo nisso. É bom. Assim você se ocupa com algo.

SAL – Eu não consigo nem dormir por causa disso.

LUT – Só por isso?

SAL – Não, não é só por isso.

LUT – Ah bom!

(Pausa.)

SAL – Eu não sei como você consegue dormir.

LUT – Mas eu não consigo dormir.

SAL – Você consegue, ah, você consegue! Basta encostar a sua cabeça que você consegue muito bem.

LUT – Está bem! Eu durmo, sim, como poderia não dormir? Até mesmo você dorme de vez em quando.

SAL – Até mesmo um cavalo é derrotado pelo cansaço.

LUT – Pois bem! Não me julgue então!

SAL – Eu confesso que queria entender você.

LUT *(fala rapidamente)* – Ora, pois eu tampouco consigo. Mas você não entende a si, então não me entender não é anormal. Eu não consigo me entender, mas também não entendo você e é assim que deve ser, pronto está.

(Silêncio.)

SAL – Talvez esteja na hora.

LUT – Não poderíamos. Já tentamos.

SAL – Tentamos sem desejar. Tentamos porque é assim que as pessoas fazem. Elas tentam, mas nem sempre desejam de verdade. É preciso mais do que tentar. É preciso desejar, nós precisamos desejar.

LUT – Eu não desejo isso. Aliás, não conseguiria nem mesmo fingir que desejo isso.

SAL – Não se pode fingir. Temos que desejar!

LUT – Está bem. Quem sabe amanhã. Quem sabe amanhã eu desperte com esse novo desejo! Hoje não consigo. Não possuo tal desejo. Sequer possuo desejo algum.

SAL (*muda o assunto*) – Você está falando como eu.

LUT – Qual a novidade?

SAL – Nenhuma, é evidente.

LUT – Então por que essa observação agora?

SAL – Porque sim!

(*Um barulho começa a surgir ao longe. Ouve-se um som indefinido.*)

LUT – Você ouviu?

SAL – Estou ouvindo.

LUT – O que lhe parece?

SAL – Eu não posso imaginar.

LUT – Vai passar.

SAL – Sim, vai passar.

(*Ficam parados enquanto escutam por um tempo.*)

LUT – Está chegando perto.

SAL – Cada vez mais.

LUT – Vamos olhar!

SAL – Não sei se é prudente.

LUT – Esperar é ainda mais arriscado.

SAL – Parece muito perto.

LUT (*olhando para a frente*) – Olhe daqui, está perto o suficiente.

SAL (*olhando para a frente*) – Realmente está perto.

LUT – Mas o que é?

SAL – São eles. Em movimentação.

LUT – Sim, são eles.

SAL – Aglomerados.

LUT – Mas o que fazem? O que eles ainda fazem?

SAL – Eu não consigo perceber.

LUT – Parecem felizes.

SAL – Sim. (*Pausa*) “Navegar é preciso”⁴.

LUT – O que eles querem?

SAL – Não estão vindo até nós.

⁴ Verso consagrado por Fernando Pessoa (1888-1935), “Navegar é preciso; viver não é preciso” remonta à tradução de uma frase latina, datada do século I a. C. e atribuída a Pompeu Magno (106-48 a.C.): “Navigare necesse, vivere non est necesse”.

LUT – Não. Mas o que querem então?

SAL – Acho que vão à praia.

LUT – Não é possível.

SAL – Sim, vão à praia. Olhe bem. Não tenho dúvidas disso.

LUT – Mas nem ao menos há sol hoje.

SAL – Não é preciso.

(Pausa.)

SAL – Eles lhe parecem ridículos?

LUT – Um pouco.

SAL – Vivendo suas vidas de uma forma tão alegre.

LUT – Talvez eles não saibam.

SAL – Mas e se souberem? E se mesmo sabendo continuam vivendo assim?

LUT – Seria impossível continuar vivendo assim se eles soubessem.

SAL – Não acredito nisso. Afinal, eles precisam continuar vivendo.

LUT – Eles querem continuar vivendo. É diferente. Ou então querem aproveitar o tempo que eles ainda consideram como vida. Não tenho certeza se isso os torna cretinos ou ignorantes.

SAL – Eu também não. Mas, de qualquer forma, penso que as duas opções são lastimáveis.

LUT – Ora, mas há uma que é bem pior!

SAL – Certamente.

(Silêncio.)

SAL – Lá se foram. A praia deve estar cheia agora.

LUT – Talvez sempre esteja, nós é que não sabemos.

SAL – Não teríamos como saber.

LUT – Somente se formos até lá.

SAL – De novo, não, por favor.

LUT – Está bem.

(Silêncio.)

III.

(Um longo e aflito sinal sonoro.)

LUT – Socorro precisa respirar.

SAL – Não é mais possível.

LUT – Ela precisa.

SAL – Eu sei. Mas acabou.

LUT – Escute. Socorro precisa. Precisa agora.

SAL – Socorro precisa. Socorro precisa. Socorro precisa.

LUT – Oxigênio!

SAL – Não há mais.

LUT – Oxigênio!

SAL – Não há mais!

LUT – Oxigênio!

SAL – Acabou! Acabou! Não há mais!

LUT – Respire, Socorro! Força! Você vai conseguir! Não é possível que, nesta cidade inteira, não exista mais oxigênio!

SAL – Aqui, não.

LUT – Algum lugar?

SAL – Não!

LUT – Respire! Respire! Respire! Por favor! Só mais um pouco. Um país inteiro sem oxigênio?

SAL – País?

LUT – Nisso!

SAL – Não!

LUT – Mentira!

SAL – Antes fosse.

LUT – Mentira! Mentira! Mentiras!

SAL – A verdade encharca-lhe as mãos, as roupas, os cabelos, mas ele segue vislumbrando a mentira porque somente ela parece o proteger.

LUT – Ela precisa de oxigênio!

SAL – Se pudesse eu lhe daria meus pulmões. Arrancaria do peito neste instante.

LUT – Por favor! Ela precisa!

SAL – Pudesse eu arrancá-los com as mãos. Pudesse eu tirar do peito isso que em mim não é necessário. Tome. Pegue. Respire. Leve junto essa dor que não sai de mim.

Nem mesmo a ferida de um peito aberto com pulmões arrancados doeria tanto quanto o que sinto neste instante. Tome. Pegue. Respire.

LUT – Socorro! Socorro! Respire!

SAL – Pegue! Pegue de mim!

LUT – Respire!

SAL – Eu não quero mais!

LUT – Respire!

SAL – Eu não quero mais!

LUT – Respire!

SAL – Tome!

(Silêncio.)

LUT – Socorro.

SAL – Não há mais.

LUT – Socorro.

SAL *(fala pausadamente)* – Não há mais.

(Silêncio.)

SAL – O ratinho dá voltas pela gaiola retangular de ferro.

LUT – Pensamentos não cessam durante os sonhos. Ideias absurdas que são muito mais do que absurdas de tão absurdas e que, mesmo sendo somente ideias absurdas, se comportam tal qual a gota que se julga livre no oceano absurdamente vivo.

SAL – A serpente descansa embaixo da pedra de plástico.

LUT – Esgotamento muscular continuamente destonificante. Ao chão, como o licor que se derrama lentamente da taça pelas pedras frias e, aos poucos, já faz parte do piso como se tivesse sido feito ali mesmo.

SAL – O peixinho sente o gosto de seu excremento.

LUT – Afogado no próprio amargor que nem sequer é culpa dele.

SAL – O camaleão não muda de cor.

LUT – *Battery low. Battery low.*

SAL – O coelho está sozinho.

LUT – Como todos o são. No início e no fim.

(Silêncio.)

(poesias de Ossian)

SAL – “A sua voz atravessou o mar”.

LUT – “Arindal, meu filho, desceu da colina carregado dos despojos da caça. Suas flechas retiniam a seu lado. Seu arco, ele carregava na mão. Cinco molossos cinzentos o rodeavam”.

SAL – “Avistou o impávido Erath na praia, agarrou-o e atou-o ao carvalho. Apertou a corda com firmeza, cingindo-lhe os braços e a cintura”.

LUT – “Erath, assim amarrado, encheu o ar de gemidos”.

SAL – “E Arindal empurra o barco às ondas, a fim de trazer Daura à praia”.

LUT – “Armar surge irado e solta a flecha de penas acinzentadas, ela sibila e afunda em teu coração, oh Arindal, meu filho! Ao invés de Erath, o traidor, foste tu quem morreste! O barco atingiu os rochedos, enquanto Arindal caía e expirava. Quão grande foi o teu lamento, oh, Daura, quando viste o sangue de teu irmão correr aos teus pés!”.

SAL – “As ondas estilhaçaram o barco. Armar atirou-se à água para salvar a sua Daura ou morrer. Uma rajada de vento caiu ligeira da colina sobre as ondas, ele submergiu e nunca mais voltou a aparecer”.

LUT – “Sozinho sobre o rochedo batido pelas vagas, ouvi o lamento de minha filha. Altos e contínuos eram os seus gritos, mas seu pai não pôde ir salvá-la. Fiquei na praia a noite inteira, via-a aos débeis raios da lua, a noite toda ouvi seus gritos. O vento soprava forte e a chuva era torrencial. A sua voz enfraqueceu antes de a aurora surgir e acabou por se extinguir como a aragem do entardecer entre a erva das rochas. Esgotada pela dor, morreu e deixou Armin só! A minha força na guerra acabou, sumiu-se o meu orgulho de pai”.

SAL – “Quando os temporais descem da montanha, quando o vento norte eleva as ondas, sento-me na praia rumorosa e olho em direção ao terrível rochedo. Muitas vezes, quando a lua principia a aparecer no céu, descubro os espíritos

dos meus filhos caminhando juntos e semiencobertos, em triste concórdia”.⁵

(*Longo silêncio.*)

IV.

LUT (*calmo*) – Havia um homem no banheiro.

SAL (*surpreso*) – No banheiro?

LUT – Repare na parte em que eu disse *um homem*.

SAL – Está bem. Como ele era?

LUT – Estranho. Como todos os demais.

SAL – O que ele disse?

LUT – Nada.

SAL – Nada?

LUT – Nada a que eu pudesse atribuir alguma relevância.

SAL – Ainda assim ele disse alguma coisa.

LUT – Um homem nunca desperdiça sua chance de dizer algo.

SAL – Mesmo que seja merda.

⁵ Estas citações diretas que compõem as falas de SAL e LUT reproduzem uma versão dos poemas de Ossian, versão presente em *Os Sofrimentos do Jovem Werther* – romance originalmente publicado em 1774 e escrito por Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), um dos principais nomes do Romantismo alemão. A tradução utilizada para o português foi: GOETHE. *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 159-160.

LUT – O que é frequente.

SAL – Ainda assim, nada muda o fato de um homem ter entrado aqui. O que ele queria?

LUT – Acho que queria me olhar. *(Pausa)* Pelo menos foi isso que ele fez.

SAL – E depois?

LUT – Foi embora.

SAL – Para onde?

LUT – Não sei.

SAL – Posso imaginar.

LUT – Eu não.

SAL – Se esforce.

LUT – Não é assim que funciona.

SAL – Está bem. Mas o que vamos fazer agora?

LUT – Nada. Ele já foi embora.

SAL – Mas esteve aqui!

LUT – E já foi embora.

SAL – Podem vir outros. *(Pausa)* Você encostou nele?

LUT – Não.

SAL – Menos mal.

(Pausa.)

SAL – Ele não deixou algo? Uma carta, talvez?

LUT – Nada.

SAL – E a coroa?

LUT – O que é que tem?

SAL – Ele usava alguma coroa?

LUT – Não.

SAL – De nenhum tipo?

LUT – Nadinha.

SAL – Mas então por que veio? Por que será que achou que deveria vir?

LUT – Provavelmente estava com vontade de usar o banheiro.

SAL – A privada?

LUT – Ou o chuveiro.

SAL – Pobre homem.

LUT – Farta tragédia.

SAL – Você realmente não acredita que ele poderia nos dizer algo importante? Uma mensagem, um sinal? Quem sabe ao menos uma luz?

LUT – Uma luz?

SAL – De esperança!

LUT – Isso seria um milagre.

SAL – E não seria ele capaz de fazer milagres?

LUT – Precisaríamos de um bem grande.

SAL – Talvez ele pudesse nos oferecer.

LUT – Ainda que pudesse, você precisaria contar com a bondade dele.

SAL – Isso seria muito?

LUT – É evidente.

SAL – Que pena.

(Pausa.)

LUT – Um homem no banheiro. Seu rosto não aparecia no espelho. Lajotas verdes, da cor de vitórias-régias. Cheiro de mijo com sabão.

SAL *(quase desistindo de dialogar)* – E nenhuma palavra que valesse a escuta?

(Pausa.)

LUT *(falando calmamente, sem pressa)* – Atravessai o oceano da ignorância. Nadai como puderdes em direção ao sol. A água também sabe conversar com a pedra. Cerrai os olhos e vede o caminho. A luta atravessa todas as luas. *(Pausa)* Fora isso ele não disse nada demais.

(Grande e longo silêncio. Com lentidão, eles começam, individualmente, a arrumar algumas coisas que se assemelham a malas, também arrumando a si.)

SAL – Você acha que essa gravata amarela combina com o casaco azul?

LUT – Acho que sim.

SAL – Sob todas as perspectivas?

LUT – Todas as que eu consigo imaginar, sim.

SAL – Eu também acho que sim.

(Pausa.)

LUT – Eu deveria carregar um pouco de sal?

SAL – Prefiro açúcar.

LUT – Eu também.

(Pausa.)

SAL – É bom quando o sol surge ao leste.

LUT – Sim.

SAL – Mesmo que não se veja.

LUT – Sim. É bom. É sempre bom.

SAL – Eu sei que você gosta.

LUT – Eu sei que você sabe.

SAL – Eu não poderia não saber.

LUT – Eu sei disso também.

SAL – Do que é que você não sabe?

LUT – Só você sabe.

SAL – Mesmo sem saber.

LUT – Disso eu já não sei.

(Silêncio.)

LUT – Como se chega ao fundo do poço mesmo?

SAL – Não sei.

LUT (*irônico*) – Desculpa, achei que você soubesse.

SAL (*ríspido*) – Você pode se jogar!

LUT – Você, então, chegaria morto. Eu pergunto como se chega vivo. Como se chega vivo ao fundo do poço? Você entendeu isso.

SAL – Se você não quiser chegar vivo, você pode chegar morto. Tanto faz. Se você quiser, você vai chegar lá!

LUT – E se você não quiser?

SAL – Você vai chegar lá.

LUT – Pedrinha, por pedrinha, por pedrinha.

SAL – Verde, verde, escuridão.

LUT – Ploc.

SAL – Ploc.

LUT – Ploc.

SAL (*falando pausadamente*) – Sair do poço não posso.

LUT (*eufórico*) – É claro que pode, meu conterrâneo! É claro que pode! Suaves prestações de noventa e nove e noventa e nove e noventa e nove e oitenta e nove e quarenta e nove e noventa e nove!

SAL – Isso! É isso!

LUT – Eu te darei nove chaves e tu abrirás nove portas. Com nove vezes nove, selarás teu destino. As nove moradas se desdobrarão vinte e nove vezes e então, às nove horas, escutarás meu nome.

SAL (*pronunciando as palavras como um mantra*) – *Novem centum. Novem centum.*

LUT (*ao mesmo tempo que SAL*) – *Novem centum. Novem centum.*

(Silêncio.)

SAL – De que se trata isto?

LUT – De um amontoado de células.

SAL – Nós dois?

LUT – Tudo.

SAL – Parece tão pouco.

LUT – Por isso ninguém liga.

(Silêncio.)

SAL – Ela nunca vai acabar?

LUT – Não.

SAL – Você tem certeza?

LUT – Absoluta.

SAL – Mas por quê?

LUT – Porque a estupidez é a mais persistente das características humanas.

SAL (*para o público*) – Coitadinhos.

(Silêncio.)

SAL – Deixe-me ir.

LUT – É a hora.

SAL – Acho que sim.

LUT – Podemos fazer isso agora.

SAL – Você se sente preparado?

LUT – Sim.

SAL – Eu também. Preciso andar.

LUT – O que será diferente?

SAL – Não sabemos.

LUT – Será melhor.

SAL – Tenho certeza de que sim.

(Pausa.)

LUT – Você vai ter medo.

SAL – Eu tenho medo agora.

LUT – É justo.

SAL – Ou não. Isso deveria ser apenas uma questão de...*(Os dois percebem um barulho.)*

SAL – Eles. De novo.

LUT – Sim. É, no mínimo, curioso.

SAL – Você sugere que é um sinal?

LUT – Ou seria você que inicia essa sugestão?

SAL – Eles estão muito perto.

LUT – Não se preocupe. Logo se vão.

SAL – Nós ainda queremos isso?

LUT – Parece justo.

SAL – Está bem.

(Pausa.)

LUT – Alguma coisa acontece com a bola.

SAL – Parece cada vez mais evidente.

LUT – Nunca estivemos parados.

SAL – Mesmo quando tentamos.

(Esperam em silêncio e escutam. O barulho persiste.)

LUT – O mais interessante é irmos olhar.

SAL – Não precisamos mais.

LUT – Talvez seja justo agora o momento em que mais precisamos olhar.

SAL – Não é preciso. Você sabe que não é preciso.

LUT – Eu já não tenho certeza.

SAL – Eu tenho.

LUT – Vamos olhar!

SAL – Calma. Mais 36 segundos.

LUT *(36 segundos depois)* – Se foram. *(Pausa)* Tudo acontece em seu tempo?

SAL – Não.

LUT – Bem como imaginei.

(Silêncio. Ambos permanecem imóveis.)

LUT – Você realmente não acha que podemos seguir para o mesmo lado?

SAL – Em algum momento isso foi possível?

LUT – Eu diria que sim. Mesmo que não em um momento nosso.

SAL – Está bem. *(Pausa)* Para onde você irá então?

LUT – Para aquele lado.

SAL – Linha reta?

LUT – Sim. *(Pausa)* E você?

SAL – Vou por aqui.

LUT – Tem certeza?

SAL – Talvez não.

LUT – Está bem. Acho que não é preciso. *(Pausa)* Podemos ir então.

SAL – Mas desta vez não podemos parar. Vamos seguir até cansarem nossos pés.

LUT – Seguiremos. Eu prometo ir.

SAL – Quem tiver mais forças, continuará até seu ponto final.

LUT – Concordo. Acho justo.

(Pausa.)

SAL – E se encontrarmos o mar no caminho?

LUT – Vamos atravessar. Desta vez, nós vamos atravessar.

FIM

DOLORES

(ou Aquilo que você vê)

Personagens:

DOLORES (mãe, cega, perto dos oitenta anos, para mais ou para menos);

JERÔNIMO (filho, perto dos cinquenta anos, para mais ou para menos).

Cenário:

Sala ou cômodo amplo de um apartamento de classe média. Tudo é antigo: alguns móveis estão deteriorados pelo tempo, outros menos, mas tudo limpo e bem cuidado. Há uma mesa grande de jantar, com cadeiras e uma poltrona em frente a uma janela. Há, pelo menos, duas saídas, visíveis ou não, uma para a cozinha e outra para o quarto de Dolores.

ATO I

(Dolores está parada, sentada em uma poltrona com a mão na testa. Ela fica imóvel durante muito tempo. Trilha sonora ao fundo. Jerônimo entra e faz várias ações de arrumar a casa. Começa lento e aumenta o ritmo, conforme a música, até incomodar Dolores.)

DOLORES – Chega! Pare com essa merda!

(Jerônimo para. A música ao fundo continua até ele desligar o aparelho de som e seguir fazendo as suas coisas, mas agora sem barulho. Continuam ambos em silêncio por algum tempo.)

DOLORES – Eles já passaram hoje ou não?

JERÔNIMO – Ainda não. Hoje eles não vão passar.

DOLORES – Como assim?

JERÔNIMO – Hoje é quarta-feira. *(Pausa)* Eles passam nas segundas, quintas e sábados.

DOLORES – Só?

JERÔNIMO – Sim. Três vezes por semana. Doze vezes por mês.

DOLORES – Cinquenta vezes por ano! *(Dá uma risada muito alta e para. Fica em silêncio por um tempo)* Por que será que passam tão pouco?

JERÔNIMO – Por culpa da prefeitura, oras. Tem bairro onde eles passam todos os dias. Aqui passam três, e até que é muito. Tem lugar que eles nem passam.

DOLORES – Puta merda! *(Ela faz xingamentos em direção à janela enquanto Jerônimo fica indiferente)* Filhos da puta! Prefeitura de merda!

(Dolores xinga um pouco e para. Os dois ficam em silêncio por um tempo.)

JERÔNIMO – Amanhã é aniversário do Gregório.

(Silêncio.)

DOLORES – E a janta?

JERÔNIMO – Tá pronta.

DOLORES – Você já fez?

JERÔNIMO – Fiz de manhã. Tem o mesmo do almoço. Como todos os dias.

DOLORES – Tem dias que tem pizza.

JERÔNIMO – Tem nada!

DOLORES – E cervejinha...

JERÔNIMO – Não mesmo! E não tem faz muito tempo! Nada disso por aqui. Não é bom para senhora nem para mim.

(Jerônimo começa a preparar a mesa para jantar.)

DOLORES – Só não é bom para quem é chato.

JERÔNIMO – Pois é, que bom que a senhora descobriu que somos chatos. Parabéns! *(Pausa)* Inclusive, obrigado por me avisar. Eu não fazia ideia disso. Mas agora, sim, tenho certeza absoluta de que somos chatos, afinal, graças à sua perspicácia...

DOLORES – Chega.

JERÔNIMO – Só estou reconhecendo sua genialidade. Qual é o problema? Isso é um elogio para tamanha sabedoria adquirida ao longo dos anos!

(Jerônimo entrega um pedaço de pão para ela comer e segue colocando coisas à mesa para o jantar.)

DOLORES – Chega!

JERÔNIMO – Mas a senhora sempre gostou de elogios. Não entendo por que isso poderia chateá-la. Deveria ser um imenso... *(Dolores se engasga fortemente com o pedaço de pão, e ele se assusta)* Calme! Tente respirar! Não se assuste, fique calma! Puta merda!

(Jerônimo dá batidas nas costas de Dolores, mas fica desesperado e não consegue agir. Dolores se engasga até começar a ficar muito vermelha e cada vez mais silenciosa.)

JERÔNIMO – Mãe, por favor, respire! Por favor, não faça isso! Mãe!

DOLORES *(ela muda bruscamente de atitude e dá uma grande gargalhada)* – Seu imbecil! Acreditou! Mas que infeliz! Se eu estivesse morrendo de verdade você já tinha me deixado ir. Mas que bostinha!

(Silêncio por um tempo. Dolores come o pão, deliciando-se com ar de glória, e Jerônimo fica em silêncio, mexendo no celular. De vez em quando, ele belisca alguma coisa servida à mesa.)

DOLORES *(cantarolando)* – Eu sempre consigo enganar todo mundo. Sempre, sempre. Desde sempre. Para sempre será. Será assim para sempre. Enganadora. Sempre enganadora. Ela a todos engana. Engana, sacana. *(Silêncio)* Que nem eu enganei seu pai quando dei pro seu tio.

(Silêncio. Jerônimo olha para ela.)

DOLORES – É, dei pro seu tio, o Rivadavia.

JERÔNIMO – O quê?!

DOLORES – Foi no natal. Mil novecentos e setenta e sete. Um calor do inferno. A gente estava sem dinheiro e íamos ficar só nós quatro em casa.

JERÔNIMO – Quatro?

DOLORES – Sim, a Elizabete ainda não tinha nascido.

JERÔNIMO (*pensativo*) – É verdade.

DOLORES – Estávamos jantando. A comida era boa. Eu e seu pai a fizemos. (*Pausa*) A gente era feliz.

JERÔNIMO – Eu sei.

(Dolores cantarola uma música feliz, e Jerônimo canta junto. Quando acabam de cantar, dão risadas. Ele fica muito feliz e à vontade, come e bebe enquanto conversam.)

JERÔNIMO – Tá, mas e a história do tio? Agora eu quero saber.

DOLORES (*pausa. Como se estivesse lembrando em silêncio por um tempo, lentamente começa a falar*) – Seu pai e eu estávamos jogando baralho depois da janta e vocês estavam dormindo. Mas ele ganhava todas. Todas! Só que aquilo era muito estranho, porque seu pai nunca foi bom no jogo. Então comecei a desconfiar que ele roubava. Só podia ser isso. Era impossível alguém ganhar sempre assim. Eu não conseguia uma! Só que cada vez eu ficava com mais raiva! Ele dizia que não, que ele era bom assim mesmo. Então, eu falei: se eu descobrir que você roubou, saio daqui, atravesso a rua e dou pro seu irmão. Ele só dava risada... tudo bem. Mas aí uma hora eu peguei... vi que ele tinha roubado. Vi com estes olhos! Roubando na minha frente, e eu vi! Não pensei duas vezes: saí de casa na mesma hora, atravessei a rua e dei pro seu tio. Fiz o prometido.

(Silêncio. Jerônimo fica na expectativa.)

JERÔNIMO – Só isso?! Conta o que aconteceu. Entrou lá e deu? Assim, de repente?

DOLORES – Eu bati na porta, e ele atendeu. Então eu falei: Rivadavia, eu vim aqui dar pra você. Aí foi isso. Dei ali mesmo, no sofá. *(Pausa)* Foi bem bom.

JERÔNIMO – Ah, tá! Jura! Agora eu não caio mais. Conta outra!

DOLORES – Foi exatamente isso que seu pai falou quando eu contei. Ele não acreditou. Foi justamente por isso que eu contei. Porque eu sabia que, se eu contasse a verdade, ele não ia acreditar. Se eu chegasse acanhada, dizendo que não houve nada, que tinha sido só brincadeira, aí sim ele ia ficar desconfiado. Mas, do contrário, não. *(Pausa)* Enganei falando a verdade. *(Pausa)* Às vezes, a verdade parece tão absurda que as pessoas preferem não acreditar nela. *(Pausa)* É, eu sou muito boa em enganar.

(Os dois dão risadas. Jerônimo fica animado, um pouco bêbado.)

JERÔNIMO – Então vamos dançar!

(Ele levanta rapidamente e liga uma música no aparelho de som. Dolores não gosta muito, mas ele a puxa e tenta dançar com ela.)

DOLORES – Chega! *(Jerônimo insiste um pouco)* Chega! *(Eles param)* Deixe-me ir para a janela.

JERÔNIMO – Já é tarde.

DOLORES *(deslocando-se)* – Eu vou para a janela.

JERÔNIMO – Sozinha, não! É perigoso. *(Ele a acompanha. Dolores senta à janela, enquanto ele tira a mesa e bebe mais um pouco)* Não esquece que amanhã temos que ligar para o Gregório. Ainda de manhã eu vou...

DOLORES – Eles já passaram?

JERÔNIMO *(pausa, respira fundo)* – Não, eles não passaram. Hoje não irão passar.

DOLORES – Que merda! Que merda!

JERÔNIMO – Pois é, a vida é assim.

DOLORES *(em direção à janela)* – Filhos da puta!

JERÔNIMO *(muito ríspido)* – Shhh! Agora não! Está tarde para gritar. Pare com isso.

(Silêncio. Jerônimo leva a louça para fora de cena. Dolores fica sozinha.)

DOLORES – Mas que merda. Que bosta! *(Pausa)* Onde já se viu não passarem hoje? *(Pausa, ela parece escutar alguma coisa em direção à janela)* Oh! Vão passar, sim! Ah, mas eu sabia! Jerônimo! Venha cá!

JERÔNIMO *(fora de cena)* – Agora espere! Já vou!

DOLORES – Merda! Mas que merda! Eles vão passar aqui, porra! Jerônimo!

(Dolores se levanta sozinha, com dificuldade, e vai até a janela, resmungando. Quando chega perto, debruça-se com metade do corpo para fora, gritando. Jerônimo entra neste momento.)

JERÔNIMO – Mãe! O que é isso?! Saia daí! *(Ele corre e a segura)* O que a senhora está fazendo? O que é isso?

DOLORES – Eles vão passar agora!

JERÔNIMO – Eles não vão passar!

(Dolores se debate um pouco mas não tem força suficiente para se soltar. Lentamente, Jerônimo a leva para sentar em outro lugar.)

DOLORES – Eu ouvi. Eles iam passar. Você os assustou.

JERÔNIMO – Eles não iam passar. Eles não vão passar. A senhora sabe disso. O que eu não sei é que merda iria acontecer se eu não chegasse...

DOLORES – Eu ia voar! *(Dá uma gargalhada muito grande. Eles ficam em silêncio por um tempo)* Eu chamei você.

JERÔNIMO – Eu sei.

DOLORES – Então por que não veio?

JERÔNIMO – Eu estava ocupado. Lavando a louça.

DOLORES – Mentira! *(Pausa)* Aposto que estava mexendo no telefone.

JERÔNIMO – Não, eu estava lavando a louça, já disse.

DOLORES – E eu já disse que é mentira. Estava mexendo no telefone, eu sei. Falando com quem?

JERÔNIMO – Com ninguém.

DOLORES – Ah! Então estava mexendo no telefone mesmo! *(Pausa)* Estava falando com a namoradina? *(Pausa, ela*

espera uma resposta) Hum... era a namoradinha, sim, pelo visto. *(Pausa)* Como é que tá a Lúcia?

JERÔNIMO – Que Lúcia, mãe?

DOLORES – A Lúcia, filha do Cleomar.

JERÔNIMO – Nossa! Faz mais de trinta anos que não a vejo.

DOLORES – Vocês teriam sido tão felizes juntos.

JERÔNIMO – Ela não queria ficar junto.

DOLORES – Não sei por quê.

JERÔNIMO – Porque não.

DOLORES – Desde pequenos vocês brincavam na praça dos Sargentos. *(Pausa)* Era tão bonita aquela praça. A gente ia quase todos os dias. Se lembra da noqueira? Imensa. Vocês passavam horas catando nozes. Ah! Eu fazia bolo de nozes. Que delícia. *(Pausa)* Como é que tá a praça hoje?

JERÔNIMO – Mesma coisa de sempre.

DOLORES – Então está bonita.

JERÔNIMO – Sim, ela é bonita mesmo.

DOLORES – E a noqueira?

JERÔNIMO – Cortaram.

DOLORES – Mas o quê?! Não creio nisso!

JERÔNIMO – Sim. Mas faz tempo.

DOLORES – Filhos da puta! Que maldade... *(pausa)* A gente podia passear lá amanhã.

JERÔNIMO (*muito surpreso*) – Na praça...?

DOLORES – Claro.

JERÔNIMO – Sim... sim... vamos... quer dizer... claro que sim! Vamos passear, vai ser muito bom!

DOLORES – Ah, eu quero ver aquela praça! (*Pausa*) Tá bom, não vou ver bosta nenhuma! (*Ri alto*) Mas quero sentir o cheiro! Aquele lugar é tão bom!

JERÔNIMO – Sim! Amanhã o dia estará ótimo! Vamos, sim! Será maravilhoso! A gente pode comprar sorvete também!

DOLORES – Ah, eu quero! Quero, sim! Sorvete! Sorvete! Sorvete!

JERÔNIMO (*mudando o assunto*) – Então vamos dormir. Amanhã será um novo e lindo dia, mas agora já é tarde.

(*Jerônimo ajuda a mãe a se levantar; ambos se dirigem ao quarto enquanto falam.*)

DOLORES – Mas que pena que tiraram a noqueira! Não acredito nisso! Por que não me contou antes?

JERÔNIMO – Eu falei, mãe. É que a senhora não lembra.

DOLORES – Que disparate! Pobre noqueira!

(*Fecha-se a cortina.*)

ATO II

(*Jerônimo sai da cozinha com coisas para o café da manhã, ao mesmo tempo em que Dolores sai lentamente do quarto.*)

JERÔNIMO – Bom dia! Bom dia! Bom dia! O café está na mesa! (*Ajuda Dolores a se sentar à mesa*) Vamos comer bem, para ganhar energia e fazer um passeio bem bom.

DOLORES (*seca*) – Passeio?

(Silêncio por um tempo. Jerônimo fica sem expressão.)

JERÔNIMO – A senhora lembra o que conversamos ontem à noite?

DOLORES – Lembro.

JERÔNIMO (*respira fundo, parecendo calcular as palavras*) – Ontem, quando conversamos, a gente ficou bem animado com a ideia de passear na praça dos Sargentos. (*Pausa*) Ver a noqueira. (*Pausa*) A senhora lembra?

DOLORES – Mas que merda é essa que você tá falando? Não cortaram a porra dessa noqueira?

JERÔNIMO – Isso! Isso mesmo que lhe contei. Mas a gente vai lá passear mesmo assim, sentir o cheiro, tomar sorvete...

DOLORES – Chega! Eu não sei de onde você tira umas ideias e acha que eu vou acreditar. Você pensa que eu sou louca? Eu não sou! Eu sou velha! Velha! Mas eu não sou louca. São coisas bem diferentes. Que mania a sua de achar que todo velho é louco. Agora você, sim. Você que é louco da cabeça. Só pode ser louco. (*Pausa*) Como é que a gente ia conversar sobre isso se ontem sua irmã estava aqui com aquele imbecil do marido dela? Com tudo aquilo que aconteceu depois da janta? (*Ele fica em silêncio, derrotado. Dolores espera dele alguma reação*) Vai

me dizer que você não lembra disso? Vai fingir que não aconteceu, é isso? *(Pausa)* Lembra ou não lembra, porra?!

JERÔNIMO – Sim, mãe, eu lembro.

DOLORES – Então como é que você acha que eu consegui dormir depois do que sua irmã fez? Você não me entende? Eu passei a noite em claro!

JERÔNIMO – Sim. Eu entendo a senhora. Eu concordo com a senhora.

DOLORES – Então por que infernos agora você estava agindo como se não tivesse acontecido nada?!

JERÔNIMO *(muito calmo)* – É que isso tudo não foi ontem, mãe. Ontem estávamos só nós dois aqui.

(Silêncio por um longo tempo. Dolores fica pensativa, tentando lutar contra os próprios pensamentos, enquanto Jerônimo mexe no celular e se distrai.)

DOLORES – Que vida de merda.

(Silêncio entre os dois. Jerônimo tenta ligar para Gregório, que não atende. Tenta algumas vezes e desiste. Liga o som e leva a mãe para a janela. Ele continua tentando ligar até que consegue e sai de cena para falar. Dolores fica sozinha, sentada à janela, com trilha sonora ao fundo. Aos poucos se ouve a voz de Jerônimo, gritando com o irmão.)

JERÔNIMO – Custa tentar pelo menos?! Mas que merda! Você que é um bosta! Você que é infantil! *(Pausa)* Não se preocupe, eu não vou mais ligar. *(Pronunciando as palavras pausadamente)* Não-vou-mais! Muito obrigado

pela atenção! É sério! É sério dessa vez! Tá bem, tá bem!
Com certeza! Filho da puta! Você é um filho da puta!

(Dolores parece não perceber a conversa. Jerônimo entra em cena com muita fúria, olha para a mãe por um tempo, respira e se acalma. Lentamente, chega perto dela e encosta a mão em seu ombro.)

DOLORES *(pensativa)* – Se ele é um filho da puta, então a puta sou eu!

(Dolores ri muito alto, ele também ri bastante.)

JERÔNIMO *(respira fundo e fala em tom especial)* – Então, madame! Tive uma ideia! Nós vamos ter um almoço especial! *(Enquanto ele fala, Dolores se anima)* Não vou cozinhar hoje, vou comprar aquele galetto que a senhora adora, com polentas deliciosas, salada de maionese e linguiça! Vamos tomar vinho, refrigerante e, sim, vamos ter sorvete de sobremesa!

DOLORES *(muito feliz e emocionada)* – Graças a Deus! Que maravilha! Era tudo o que eu queria!

(Jerônimo vai para o quarto enquanto fala e traz roupas e apetrechos.)

JERÔNIMO – Como é um dia especial, vamos nos preparar de forma adequada. Vou fazer suas unhas, vamos colocar uma roupa bonita.

DOLORES – O vestido azul!

JERÔNIMO – Sim, o vestido que a senhora mais adora!

(Ele entrega a Dolores um vestido que não é azul.)

DOLORES (*enquanto troca de roupa com a ajuda do filho*)
– Ah! Como eu amo esse vestido azul! Há anos tenho ele! Tantas coisas especiais que vivemos juntos. (*Pausa*) Seu pai sempre disse que eu fico bonita de azul.

JERÔNIMO – Fica mesmo. Fica linda! Maravilhosa!

DOLORES – Ai, que saudades de uma festa. A gente precisa ir a uma festa! Eu quero música, quero beber, quero comer!

JERÔNIMO (*começa a pintar as unhas dela*) – Pois então eu vou achar uma festa, com certeza! Mas, hoje, a comemoração é aqui em casa mesmo. Vamos deixar esta senhora ainda mais exuberante.

DOLORES – Qual cor você está colocando?

JERÔNIMO – Exatamente a cor que a senhora iria escolher.

DOLORES – Vermelho?

JERÔNIMO – Isso! (*O esmalte não é vermelho. Fala pausadamente*) A cor que a senhora a-do-ra!

DOLORES – Amo vermelho! Teve uma época que eu passava todos os dias com vermelho nas mãos. O tempo todo. Ninguém nunca me veria sem unhas vermelhas. Ah, eu adorava. Poderosa! Eu ficava poderosa!

JERÔNIMO – A senhora é poderosa!

DOLORES – Eu sou. Poderosa de porra nenhuma (*começa a gargalhar muito*).

JERÔNIMO – Poderosa é quem pode.

DOLORES – Poderosa é quem tem poder. *(Pausa)* Eu não tenho poder de nada.

JERÔNIMO – Tem, sim. E, agora, vamos colocar também um perfume *(passa perfume nela)*.

DOLORES – E batom!

JERÔNIMO – E batom também, mas é claro!

DOLORES – Ah, coisa boa!

JERÔNIMO *(enquanto passa batom nela)* – Que mulher, meus senhores! Que furacão! Pronta para comer galetto!

DOLORES – Maravilhosa.

JERÔNIMO – Bom, agora a senhora sente aqui e não se mexa. Eu prometo que vai ser rapidinho. Vou ali na esquina pegar nosso almoço. Fique aqui prontinha em seu lugar, que eu volto já. *(Ele se prepara para sair enquanto fala)* Nossa dama maravilhosa aguarda pacientemente o seu banquete, que será providenciado o mais rápido possível por seu dedicado serviçal. Não se preocupe, madame, em breve a senhora estará se deliciando com nossas melhores iguarias!

(Ele sai. Dolores fica sentada à mesa, sozinha, em silêncio por um tempo.)

DOLORES – O silêncio não me incomoda. *(Pausa longa)* Silêncio velho. Tudo fica velho. *(Pausa)* Até onde nós vamos ir? Cadela velha. *(Pausa)* Você vai ser sempre do mesmo jeito. No fim nunca há escolha. Você não terá escolha. *(Ouve-se, da rua, um barulho de caminhão de lixo.)*

Dolores muda rapidamente de expressão, ficando muito feliz) Ah! Hoje eles passam! Meu Deus! (Ela se levanta com dificuldades e vai até a janela) Que maravilha, meu Deus! É isso mesmo! Levem! Levem o lixo embora! (Ri muito) Como é bom se livrar do lixo! Levem essa merda toda embora! Longe daqui! Longe de mim!

(Ela ri muito. A cortina se fecha enquanto Dolores tem o seu momento de alegria.)

ATO III

(A cortina se abre e está tudo vazio. Ao longe, ouve-se o caminhão de lixo indo embora. Jerônimo entra, gritando e correndo, esbaforido com sacolas nas mãos. Vê que não há ninguém na janela e se assusta, corre até lá e olha para baixo. Ele para um segundo, respira fundo e corre até o quarto. Fora de cena se ouve sua voz.)

JERÔNIMO – Mãe! Mãe! O que aconteceu? O que aconteceu? *(Ele chora e ri um pouco entre as perguntas. Fica tudo em silêncio por um tempo. Os dois voltam a entrar em cena. Jerônimo acompanha Dolores até a mesa e, aos poucos, começa a tirar a comida da sacola)* Por que a senhora foi para o quarto?

DOLORES – Eu tive medo.

JERÔNIMO – Tudo bem. Fez bem. Eu sempre digo que a janela é perigosa. É bom não ir para lá. Inclusive, a gente pode parar com isso a partir de agora.

DOLORES – Não é isso. *(Pausa)* Eu fui para a janela e vi seu pai.

JERÔNIMO – O quê?

DOLORES – Um dos homens que tirava o lixo era seu pai. Ele me viu. Aquele olhar. *(Começa a se emocionar um pouco)* Eu sinto tanta falta daquele olhar. Daqueles olhos de amor.

JERÔNIMO *(muito calmo)* – Mãe, a senhora é cega.

DOLORES – Mas eu vi. Por um momento eu vi. Porque era ele. Eu pude ver porque era ele. Só com o olhar ele conseguiu me dizer tantas coisas. Como pode? Como, em tão pouco tempo, ele pôde me dizer tudo, só olhando para mim? *(Pausa)* Por que precisa ser assim? Você consegue entender por que precisa ser assim? Me diga! Fale! Fale alguma coisa! *(Pausa)* Mas quando ele se foi eu tive medo. Fazia tantos anos que eu não sentia medo.

(Pausa longa.)

JERÔNIMO – Que roupa ele vestia?

DOLORES – Como assim? A roupa que os lixeiros usam!

JERÔNIMO – Ele estava tirando o lixo também?

DOLORES – Mas que merda! Quer saber de tudo? O que importa é o que eu vi!

JERÔNIMO *(mudando o assunto)* – Bom! Então vamos comer! Acho que essa comida deu uma viradinha com a minha corrida, mas está tudo com o mesmo gosto. *(Arrumando as coisas)* Que delícia! Acho que tivemos sorte, pegamos os primeiros pedidos, que cheiro bom!

DOLORES – Pode comer você.

JERÔNIMO – Claro que vou comer, nós dois vamos comer!

DOLORES – Não quero. Não vou comer nada.

JERÔNIMO – Vai comer, sim, não vamos nem começar com isso. Está tudo maravilhoso. É uma oportunidade única de mudar a dieta, é só hoje, então vamos aproveitar, mesmo! Além disso, a senhora está linda, arrumada e exuberante. Digna desta ocasião tão especial.

DOLORES – Eu não vou comer esta merda! Já disse e ponto final!

JERÔNIMO – Vai comer, sim, senhora!

DOLORES (*gritando muito alto e com força*) – Cale a boca! Chega! Chega!

(Silêncio. Jerônimo come e bebe vinho, fazendo certo barulho para mostrar que está comendo, enquanto mexe um pouco no celular. Dolores fica em silêncio.)

JERÔNIMO (*sem olhar para a mãe*) – Não vai comer nada mesmo?

DOLORES – Não.

JERÔNIMO – Nem um galetão?

DOLORES – Não.

JERÔNIMO – Uma polenta?

DOLORES – Não.

JERÔNIMO (*pronunciando as sílabas pausadamente*) – Lin-gui-ça?

DOLORES – Não!

JERÔNIMO – Bom, mas não quer nem sorvete...

DOLORES – Não! (*Muda rapidamente o tom de voz*) Você trouxe sorvete?

JERÔNIMO – Passas ao rum.

DOLORES (*com muita vontade*) – Ah! Passas ao rum! Quero! Quero, sim! Quero muito!

JERÔNIMO (*servindo aliviado*) – Então pode comer! Come só isso mesmo! Faça o que quiser! Pode tomar esse sorvete todo!

DOLORES – Viva! Viva! Que maravilhoso!

(Dolores se delicia com o sorvete, entre elogios e exclamações de prazer. Jerônimo a observa por um tempo e depois volta a atenção para o celular.)

DOLORES (*depois de um tempo, ainda tomando sorvete*) – Mas, afinal, por que será que você e a Lúcia não deram certo?

JERÔNIMO (*com naturalidade, enquanto come e bebe*) – Porque eu sou viado, mãe.

(Silêncio por um tempo.)

DOLORES – O que você disse?

JERÔNIMO – Que eu sou gay. Que eu gosto de homens. Como já lhe disse tantas vezes e como a senhora vai esquecer logo, logo. Ou fingir que esqueceu...

DOLORES – Mas que bobagem! Como assim, eu... oras... ai, ai... *(pausa longa)* Mas que coisa, né, a Lúcia, uma menina tão boa e bonita...

JERÔNIMO – Eu não quero saber de mulher. Eu sou gay, bixa, viado! A senhora sabe, todo mundo sabe. O filho bixa da Dolores! Pronto! Não tem o que questionar, é isso mesmo. Eu sou o filho bixa da Dolores. Até porque aquele animal do Gregório não serve nem pra ser bixa. E a oportunista da minha irmã só gosta de viado quando dá dinheiro pra ela. Aliás, assim todo mundo gosta de viado. Olha, vou lhe dizer, com dinheiro na mão... bem, sabe o que é pior? O pior de tudo é ser o filho pobre da Dolores, isso era o que eu nunca queria ser!

(Dá risadas. Dolores ri também. Alegres, os dois ficam em silêncio, felizes enquanto comem e bebem.)

DOLORES – Ah, mas eu gostava tanto da Lúcia!

(Jerônimo levanta as mãos para o céu, pedindo paciência de forma debochada. Depois, começa a organizar a mesa.)

JERÔNIMO – Eu também gostava dela. Mas, mudando de assunto, amanhã a Rebeca vai ficar com a senhora à tarde. Eu vou sair.

DOLORES – Aquela menina é uma sonsa.

JERÔNIMO – Ela é uma ótima pessoa. Acho que não vou demorar muito, então ela vai ficar por pouco tempo.

DOLORES – Eu não quero ficar com ela nem um segundo.

JERÔNIMO – Mas vai ficar, sim. Ela é uma pessoa muito boa e cuida muito bem da senhora. Então não vamos nem começar a discutir. Já combinei com ela e tá tudo certo, amanhã quando for...

DOLORES – Chame seu pai.

JERÔNIMO – O quê?!

DOLORES – Chame seu pai para ficar aqui comigo. Eu sei que ele vai vir.

JERÔNIMO – Mas que bobagem! Eu não vou nem...

DOLORES – Chame! Chame-o agora. Chame que eu quero que ele fique aqui!

JERÔNIMO – Chega disso! Não tem graça. Já deu!

DOLORES – Eu tô mandando você o chamar! Ande, porra! Use essa merda do seu telefone para alguma coisa! Deixe de ser inútil!

JERÔNIMO – Chega! Que merda! Mas que merda é isso agora?!

DOLORES – Faça o que lhe mando! Ligue para o seu pai agora mesmo! Eu sei que ele vai vir! Eu sei que vai! Eu tenho certeza!

JERÔNIMO – Pare com isso! Chega! Chega! Eu não aguento mais!

DOLORES – Ligue para ele! Chame, ande! Ele vai vir naquele caminhão! Eu sei que vai vir correndo para cá!

JERÔNIMO – Pare! Pare! Ele tá morto! Morto! Enterrado! Ele morreu! Faz anos que ele morreu! Chega disso! Por favor! Chega! Por que a senhora faz isso? Por quê?!

DOLORES – Seu inútil! Imprestável! Eu o quero aqui comigo, agora! Seu merda! Você não faz nada direito, absolutamente nada! Você é um merda! Ouviu bem? Tá me ouvindo? Um merda! Eu já não suporto mais você! Não suporto mais sua voz! Não suporto mais seu cheiro! Que merda! Que merda de vida! Que merda de casa! Eu não suporto mais!

(Silêncio.)

JERÔNIMO – Por que a senhora faz isso comigo?

DOLORES – Chame seu pai. É só o que eu lhe peço...

JERÔNIMO – Eu não aguento... chega, por favor.

DOLORES – Você não entende. Ele estava aqui tão perto...

JERÔNIMO – Me desculpe, mas não há nada que eu possa fazer.

DOLORES – Nunca se pode fazer nada.

JERÔNIMO – Desculpe, mas eu realmente não posso!

DOLORES – Eu estou falando de mim.

(Longo silêncio.)

JERÔNIMO – Você sempre será a flor mais linda da primavera. *(Dolores vira o rosto para Jerônimo, como se pudesse vê-lo nos olhos)* Até o menor de todos os girassóis

estava bonito. A primavera era a melhor época do ano naquela casa.

DOLORES – Eu não sei do que você está falando.

JERÔNIMO – Você sempre será a flor mais linda da primavera. Foi exatamente a última coisa que ele lhe disse. *(Pausa)* A senhora estava linda, realmente. Vestido roxo e um chapéu exuberante. Levava um filho em cada mão. Quando passava, era como se o tempo parasse. E então vocês três foram sumindo quadra abaixo. Ficamos ali só nós dois, eu e ele, arrumando o jardim.

DOLORES – Chega.

JERÔNIMO – Às vezes eu acho que se eu tivesse sido mais rápido, se tivesse...

DOLORES – Não me interessa.

JERÔNIMO – Basta um piscar de olhos e, quando você vê, tudo muda...

DOLORES *(interrompendo-o bruscamente)* – Ele disse mais alguma coisa?

(Pausa.)

JERÔNIMO – A senhora nunca perguntou isso.

DOLORES – Ele disse?

JERÔNIMO – Não. As últimas palavras dele foram suas.

(Silêncio longo.)

DOLORES – Você está aqui ainda? *(Silêncio)* Eu sei que você está aqui.

JERÔNIMO – Como sempre.

(Silêncio. Jerônimo leva Dolores até a janela, e ela se senta na poltrona. Ele fica ao lado dela, em pé e imóvel.)

DOLORES – Por que você não vai embora?

JERÔNIMO – Porque eu não consigo.

DOLORES – Porque você não pode.

JERÔNIMO – Posso. *(Pausa)* Mas eu não consigo.

DOLORES – Você não quer.

JERÔNIMO – Eu quero.

DOLORES – Você tem que ir embora.

JERÔNIMO – Um dia eu vou.

DOLORES – Eu vou antes.

JERÔNIMO – Eu sei.

DOLORES – É como vai ser?

JERÔNIMO – Disso eu não sei.

DOLORES – Você vai ser livre. *(Pausa longa)* Eu vou hoje à noite.

JERÔNIMO – Como?

DOLORES – Está decidido. Depois do jantar.

JERÔNIMO – Ah, que bom! Pelo menos vai embora de barriga cheia.

(Silêncio.)

DOLORES – É o fim. Eu sei.

JERÔNIMO – Está bem. Uma hora ia chegar.

(Silêncio.)

DOLORES – Eu agradeço.

JERÔNIMO – Não, sou eu quem agradeço.

DOLORES – Nós dois, agradecemos os dois.

JERÔNIMO – Está bem.

(Silêncio.)

DOLORES – Você não me odeia?

JERÔNIMO – Não.

DOLORES – Eu lhe dei motivos.

JERÔNIMO – A senhora também me deu motivos para amar.

DOLORES – E você me ama?

JERÔNIMO – Eu não sei. *(Pausa)* Acho que sim.

DOLORES – Como você vai lembrar de mim?

JERÔNIMO – Com carinho.

DOLORES – Está bem. É assim que tem que ser.

(Silêncio.)

DOLORES – Nunca foi fácil ver todos partirem e ficar aqui sozinha.

JERÔNIMO – A senhora não está sozinha.

DOLORES – Você sabe do que estou falando. *(Pausa)* Um a um. Todos vão. *(Pausa)* Tudo aquilo que liga a gente ao

passado deixa de existir. Vira apenas uma lembrança. Sem peso, sem cheiro, sem gosto. *(Pausa)* Isso vai acontecer com você.

JERÔNIMO – Eu sei.

DOLORES – Você é o filho do meio.

JERÔNIMO – Não é só por isso.

DOLORES – Eu sei.

(Silêncio.)

DOLORES – Você quer me dizer algumas últimas palavras?

JERÔNIMO – Sinto que não.

DOLORES – Diga, por favor.

JERÔNIMO – Não há nada mais que eu possa dizer.

DOLORES – Você já me disse tanto.

JERÔNIMO – Eu disse pouco.

DOLORES – Então diga mais.

JERÔNIMO – Não é preciso.

DOLORES – Você sempre vai carregar aquilo que não disse.

JERÔNIMO – Nós também carregamos o que é dito.

DOLORES – Palavras faladas se tornam leves com o tempo. Mas as que você guarda ficam pesadas para sempre.

(Silêncio.)

JERÔNIMO – E se não for hoje?

DOLORES – Será hoje.

JERÔNIMO – Mas e se não for?

DOLORES – Será!

JERÔNIMO – Mas pode não ser! Pode muito bem não ser hoje! Pode não ser hoje, não ser amanhã! Pode não ser tão logo!

DOLORES – Será hoje! Depois do jantar! Será, será, será! Chega! Chega disso! *(Pausa)* É o fim. *(Pausa)* Eu sei que é o fim.

(Os dois ficam em silêncio por um longo tempo. Jerônimo sai de perto de Dolores e coloca uma música para tocar. Ele dança suavemente, ela percebe que algo acontece.)

DOLORES – O que você está fazendo?

JERÔNIMO – O mesmo de sempre. *(Tira as coisas da mesa, enquanto dança e canta)* Vou limpar a mesa. Vou levar a senhora até a janela. Vou lavar a louça.

(Pausa.)

DOLORES – Eu vou embora hoje!

JERÔNIMO – Tudo bem, mas ainda temos muito tempo. A senhora falou que seria depois do jantar. Temos muito o que fazer até lá.

(Ele conduz a mãe lentamente até a poltrona em frente à janela. Ela se senta enquanto ele segue seus afazeres. Depois de um tempo, Dolores começa a cantar junto com ele, os dois parecem alegres. Fecha-se a cortina.)

FIM

INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORA GARCIA

Para saber mais sobre a EDITORA GARCIA, sobre como publicar e comercializar seu livro e outros assuntos, visite nosso site e curta nossas redes sociais.



EDITORA GARCIA



www.editoragarcia.com.br



facebook.com/editoragarcia



instagram.com/editoragarcia

Para adquirir outros títulos, visite nossa livraria online: www.livrariagarcia.com.br

EDITORA GARCIA

www.editoragarcia.com.br

atendimento@editoragarcia.com.br

Os três textos teatrais aqui apresentados revelam, com delicadeza e precisão, as múltiplas camadas de cotidianos que, de um modo ou de outro, conectam-se com experiências de leitoras e leitores. Além disso, esses textos oferecem uma base para a vivificação de perspectivas de encenadoras e de encenadores, atrizes e atores, espectadoras e espectadores, educadoras e educadores, público em geral. A trilogia tem, segundo o autor, caráter quase minimalista e foi escrita durante a pandemia de Covid-19, que assolou a população mundial a partir de 2020. Tratando-se de uma obra cultural, há que se considerar, ainda, o contexto devastador vivenciado pelo Brasil nos últimos anos, onde se sofreu um verdadeiro desmonte da cultura, situação historicamente observada durante períodos em que a ascensão de discursos e de ações de extrema direita se faz presente em uma sociedade. Desse modo, a presente obra, nascida em meio à pandemia e em um dos mais desafiadores períodos para a cultura no Brasil desde a redemocratização do país em 1985, surge não só como uma estratégia de sobrevivência do autor, mas também como uma pluma de esperança coletiva, a sobrevoar pelos (anunciados) novos ventos da cultura no Brasil a partir de 2023.

Dra. Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum

Realização:



Financiamento:

